

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN
BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

Pâmela Cristina Da Silva Soares

O AFROFUTURISMO E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: análise e produção
artística de um conto.

**Juiz de Fora
2024**

Pâmela Cristina Da Silva Soares

**O AFROFUTURISMO E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: análise e produção
artística de um conto.**

Dissertação apresentada ao curso de
Graduação em Bacharelado em Arte
Visuais da Universidade Federal de Juiz
de Fora como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em Artes
Visuais.

Orientador: Prof. Dra. Priscilla Danielle Gonçalves de Paula

Juiz de Fora

2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

da Silva Soares, Pâmela Cristina .

O AFROFUTURISMO E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: análise e produção artística de um conto. / Pâmela Cristina da Silva Soares. -- 2024.

61 p. : il.

Orientador: Priscilla Danielle Gonçalves de Paula
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design, 2024.

1. Afrofuturismo. 2. Educação Antirracista. 3. Representatividade.
I. Gonçalves de Paula, Priscilla Danielle , orient. II. Título.

Pâmela Cristina Da Silva Soares

**O AFROFUTURISMO E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: análise e produção
artística de um conto.**

Dissertação apresentada ao curso de
Graduação em Bacharelado em Arte Visuais
da Universidade Federal de Juiz de Fora como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Artes Visuais.

Aprovada em 02 de Outubro de 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Priscilla Danielle Gonçalves de Paula - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dra. Leticia de Alencar Bertagna
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Saulo Silva da Silveira
Universidade Federal de Juiz de Fora

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e avós por todo o apoio. Principalmente à minha mãe, Sandra, por ser uma pessoa fantástica que batalhou e batalha todos os dias pelas suas filhas. As minhas amigas Nathália, Roberta, Laura, Ellen, Mariana e Raiany pela amizade, pelo apoio nos maus momentos que me deram. Aos colegas da faculdade que presenciaram a minha evolução com o meu trabalho e deram apoio e feedback.

Aos coordenadores Prof. Letícia de Alencar Bertagna e Professor Renato Melo Amorim. Sobretudo, quero expressar meus agradecimentos à Prof.^a Priscilla Danielle Gonçalves de Paula pelo auxílio durante as fases do trabalho. A todos os professores que contribuíram de alguma forma para a minha formação acadêmica.

De forma especial, a minha irmã Priscila Soares, que auxiliou, deu forças e dedicou seu generoso tempo para corrigir, criticar e dar sugestões sobre o projeto.

De coração, a todos, muito obrigada.

RESUMO

Este trabalho investigou como o afrofuturismo pode ser utilizado como uma ferramenta para promover a educação antirracista. O estudo explora a base teórica do afrofuturismo, discutindo os principais conceitos e como eles podem ser usados nas artes plásticas e na cultura contemporânea. Em seguida, examina as bases e métodos da educação antirracista e apresenta planos para incorporar o afrofuturismo na educação. Embora tenha sido difícil encontrar usos diretos das artes plásticas no ambiente escolar, o trabalho relaciona essas áreas ao demonstrar como a arte pode ser um meio poderoso de inspiração e afirmação de identidade. Por fim, o estudo resulta na criação de um conto infantil original acompanhado de concept art, que materializa os conceitos estudados e ilustra a integração entre afrofuturismo.

Palavras chaves: Afrofuturismo; Educação Antirracista; Representatividade; Concept Art;

ABSTRACT

This work investigated how Afrofuturism can be used as a tool to promote anti-racist education. The study explores the theoretical basis of Afrofuturism, discussing key concepts and how they can be used in the visual arts and contemporary culture. It then examines the foundations and methods of anti-racist education and presents plans for incorporating Afrofuturism into education. Although it has been difficult to find direct uses for the visual arts in the school environment, the paper connects these areas by demonstrating how art can be a powerful means of inspiration and identity affirmation. Finally, the study results in the creation of an original children's story accompanied by concept art, which materializes the concepts studied and illustrates the integration of Afrofuturism.

Keywords: Afrofuturism; Anti-racist Education; Representativeness; Conceptual Art;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Space is the place - Sun Ra	10
Figura 2: Branco sai, Preto fica - filme	13
Figura 3 : Black is king	14
Figura 4 : Nave (vídeo clipe) - Xênia França	15
Figura 5 : Família afrofuturista	16
Figura 6: Transmutação da carne - Ayrson Heráclito	17
Figura 7: Oferenda à cabeça - Ayrson Heráclito	18
Figura 8: Banhistas - Ayrson Heráclito	18
Figura 9: Pra ver se dão valor - No Martins	19
Painel 1: Fotografias	36
Painel 2: Referência 1	37
Painel 3: Referência 2	37
Figura 10 - Capa: Edith e a velha sentada - Lázaro Ramos	38
Figura 11 - Capa: Amoras - Emicida	38
Figura 12 - Capa: Elza a voz do milênio - Mina rizzi, Edson Ikê	38
Figura 13 - Capa: O pequeno príncipe preto - Rodrigo França	39
Figura 14 - Projeto capa	40
Figura 15 - Capa ilustração	41
Figura 16 - Guarda ilustração	41
Figura 17 - Mockup capa / guarda	42
Figura 18 - Personagem: Helena Solares	43
Figura 19 - Personagem: Venna	45
Figura 20 - Personagem: Guardiã	46
Figura 21 - Personagem: Pai	48
Figura 22 - Personagem: Magos da água	49
Figura 23 - Personagem: Magos da natureza	50
Figura 24 - Personagem: Magos do tempo	52
Figura 25 - Villa	54

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. CAPÍTULO 1 - O AFROFUTURISMO NA CULTURA, IDENTIDADE E EXPRESSÕES ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS	09
2.1 Introdução ao Afrofuturismo	09
2.2 Influência na cultura contemporânea	12
2.2.1 Afrofuturismo no audiovisual	12
2.2.2 Afrofuturismo nas artes visuais	15
2.2.3 Afrofuturismo na literatura	20
3. CAPÍTULO 2 - AFROFUTURISMO NA EDUCAÇÃO PARA UMA ABORDAGEM INCLUSIVA E ANTIRRACISTA	24
3.1 Educação Antirracista: Fundamentos e Práticas	24
3.2 As práticas do afrofuturismo na educação: Como o afrofuturismo pode ser um instrumento na educação antirracista?.....	27
4. CAPÍTULO 3 - CONCEPT ART: "JORNADA DO CÉU ESTRELADO"	29
4.1 Jornada do céu estrelado	29
4.2 Concept art	34
4.3 Processo Criativo	35
4.3.1 História	35
4.3.2 Referências.....	30
4.4 Livro.....	34
4.5 Personagens	37
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
6. REFERÊNCIAS	57
7.1 Bibliografia	57
7.2 Sites e Textos	57
7.3 Audiovisual	59

1. INTRODUÇÃO

[...] revelar os efeitos da prática racista na vida escolar de algumas mulheres negras, ainda ontem crianças, que concordaram em abrir essa janela na sua memória dolorosa da infância. [...] Não é ficção, são vivências cotidianas de racismo na escola, que deixaram marcas profundas e foram trancadas a sete chaves na gaveta da memória. Ao revisitá-las, ainda se percebem as marcas vivas. (BRITO, NASCIMENTO, 2013, p.22)

Esta pesquisa começou com o tema “Afrofuturismo e Representatividade”, focando na importância crescente da representatividade na sociedade contemporânea, especialmente para a população negra. Inicialmente, a ideia de representação parecia adequada, mas, à medida que os estudos sobre afrofuturismo avançaram, tornou-se evidente a necessidade de expandir esse conceito. Ficou claro que o termo "representar" não capturava plenamente os objetivos da pesquisa. Assim, o conceito de pertencimento surgiu como uma abordagem mais adequada, levando à inclusão da Educação Antirracista como uma dimensão essencial do estudo.

A obra “Negras (in)Confidências” (2013), organizada por Benilda Brito e Valdecir Nascimento, foi fundamental para nortear essa mudança de enfoque. Este livro apresenta relatos de mulheres negras que revisitam suas memórias de infância, destacando as experiências de racismo vivenciadas na escola. Essas narrativas buscam romper o silêncio em torno do tema, registrando esses episódios para evidenciar a realidade enfrentada por outras crianças negras. Os relatos contidos nesta obra serviram como inspiração inicial para este trabalho, estabelecendo uma conexão profunda com minha própria história e dando início a um diálogo que, pessoalmente, estava silenciado.

A educação infantil desempenha um papel fundamental na vida de qualquer indivíduo, por representar o primeiro contato significativo com pessoas fora do círculo familiar. Djamila Ribeiro, em seu livro “Pequeno Manual Antirracista” (2019), compartilha uma experiência marcante: “Até então, no convívio familiar, com meus pais e irmãos, eu não era questionada dessa forma, me sentia amada e não via nenhum problema comigo: tudo era 'normal'. 'Neginha do cabelo duro', 'neginha feia' foram alguns dos xingamentos que comecei a escutar” (RIBEIRO, 2019, p. 12).

Episódios como esses fazem com que as crianças deixem de vivenciar plenamente sua infância, sendo confrontadas precocemente com a noção de que não há espaço para sua identidade na sociedade. Essas experiências deixam marcas profundas, afetando seu desenvolvimento e restringindo suas possibilidades de aprendizado e crescimento saudável. É

fundamental que todas as crianças tenham o direito de crescer em um ambiente que as respeite, que lhes ofereça liberdade, dignidade e o prazer de aprender.

A Educação Antirracista desempenha um papel fundamental na desconstrução de padrões e estereótipos historicamente enraizados na sociedade. Ela vai além da simples representatividade, buscando promover o respeito, a valorização e a inclusão de todas as identidades. No contexto escolar, a educação antirracista é essencial para os estudantes poderem compreender a diversidade cultural e étnica do país, assim como a complexidade das relações sociais e históricas que permeiam a construção da identidade nacional¹.

Assim, o afrofuturismo exerce um impacto significativo na cultura contemporânea, influenciando a identidade e as expressões artísticas das comunidades negras globalmente. A partir da literatura, do cinema, da música, das artes visuais, o afrofuturismo oferece novas perspectivas para entender e celebrar a experiência negra.

Nesse contexto, a criação do conto é fundamental não apenas como uma expressão artística, mas como uma fonte inspiradora de fortalecimento. O conto afrofuturista ilustrado permite que narrativas negras sejam contadas de forma envolvente e impactante, promovendo uma visão positiva e multifacetada da cultura afrodescendente.

Este trabalho visa apresentar o movimento afrofuturista e como ele pode ser usado com ferramenta para a educação antirracista, examinando como ele pode ser utilizado para promover uma compreensão mais inclusiva da história e cultura afrodescendente. Na parte prática, o *concept art* de um conto original visa despertar a curiosidade e imergir o público na história, utilizando a ilustração como uma forma de comunicação que transcende as palavras. Contudo, este projeto traz uma articulação a importância cultural do afrofuturismo e a demonstração de ideias por meio de uma criação artística.

Para ser mais objetivo, este projeto explorará as seguintes questões: (1) analisar o impacto do afrofuturismo na cultura, na identidade e nas expressões artísticas contemporâneas; (2) explorar como o afrofuturismo pode ser aplicado na educação para promover uma abordagem mais inclusiva e antirracista; e (3) por fim, apresentar o *concept art* da história.

Este estudo utilizará uma abordagem metodológica qualitativa, combinando análise de literatura, estudo de caso e revisão crítica de obras de arte, filmes e músicas para alcançar uma compreensão mais profunda e reflexiva do movimento afrofuturista contribuindo também significativamente para a produção da história.

¹ INSTITUTO ALANA. **Educação antirracista**. Educação Integral, São Paulo. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/glossario/educacao-antirracista/>. Acesso em: 1 jul. 2024.

Desta maneira, o trabalho está estruturado com três capítulos-chave: no capítulo 1, “o afrofuturismo na cultura, identidade e expressões artísticas contemporâneas”, são apresentados os fundamentos teóricos do afrofuturismo, discutindo seus conceitos centrais e sua aplicação na arte contemporânea. O capítulo 2, "afrofuturismo na educação para uma abordagem inclusiva e antirracista”, explora a educação antirracista discutindo sobre seus fundamentos e uma segunda parte para mostrar práticas do afrofuturismo na educação. Por fim, o capítulo 3 apresenta todo o processo de criação do conto através do concept art.

2. CAPÍTULO 1 - O AFROFUTURISMO NA CULTURA, IDENTIDADE E EXPRESSÕES ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS

2.1 Introdução ao Afrofuturismo

O Afrofuturismo é um movimento cultural, artístico e intelectual que integra elementos de ficção científica, fantasia e história africana para reimaginar o futuro e explorar a identidade negra. Presente em campos diversos como música, literatura, artes plásticas, cinema e moda, ele oferece novas perspectivas para compreender e celebrar a experiência negra, tanto no passado quanto no presente e no futuro. Elementos como ficção científica, ancestralidade, fantasia e outros marcam o Afrofuturismo, proporcionando um terreno amplo para a expressão criativa e a reflexão crítica sobre questões de identidade e poder (AIN-ZAILA, 2019, p.8).

O termo Afrofuturismo foi introduzido e popularizado por Mark Dery, um escritor e crítico cultural, através de sua entrevista intitulada “*Black to the Future*”², publicada em 1994 no livro “*Flame Wars: The Discourse of Cyberculture*”³. Nesta obra, Dery entrevistou Samuel R. Delany (1942), Greg Tate (1957–2021) e Tricia Rose (1962), três proeminentes escritores, explorando o conceito de Afrofuturismo. Dery argumenta que o Afrofuturismo utiliza elementos da ficção científica e da tecnologia para reimaginar o passado, o presente e o futuro da experiência negra. Este movimento cultural oferece uma perspectiva diversa e inovadora sobre a cultura negra, destacando sua interseção com a tecnologia e suas possíveis evoluções futuras.

A ficção especulativa que trata de temas afro-americanos e que lida com as preocupações afro-americanas no contexto da tecnocultura do século vinte - e, mais genericamente, a significação afro-americana que se apropria de imagens da tecnologia e de um futuro prosteticamente aperfeiçoado - pode, por falta de um termo melhor, ser chamada de “Afrofuturismo”. A noção de

² Preto para o Futuro.

³Flame Wars: O Discurso da Cibercultura

Afrofuturismo gera uma antinomia problemática: pode uma comunidade que teve seu passado tão deliberadamente apagado, e cujas energias foram subsequentemente consumidas na busca por traços legíveis de sua história, imaginar futuros possíveis? (DARRY. 1993,p. 5-6)

Embora a palavra Afrofuturismo tenha sido formalmente registrada em um momento específico, após a publicação de Dery, descreveu práticas culturais que já estavam em curso em várias esferas da comunidade negra. Personalidades como o músico e compositor Sun Ra (1914–1993), a escritora Octavia E. Butler (1947–2006), o músico George Clinton (1941), o escritor Samuel R. Delany (1942), entre outros, já exploravam temas afins antes da nomenclatura do movimento.

Sun Ra, líder da banda norte-americana “*The Sun Ra Arkestra*”, destacou-se como um dos pioneiros do Afrofuturismo. Em suas músicas e vídeos, ele incorporava elementos de ficção científica, gráficos e mitologia do antigo Egito (LIMA, Raquel, 2019). Um exemplo notável é o álbum de jazz “*Space is the Place*”, lançado em 1973, que também foi adaptado para um filme homônimo dirigido por John Coney em 1974. Este filme, co-escrito e estrelado por Sun Ra, explora temas como tecnologia, música, misticismo e identidade, características centrais do Afrofuturismo. A narrativa proposta por Sun Ra sugere que a Terra é um ambiente hostil para os negros africanos e diaspóricos, incentivando-os a migrar para o espaço, onde poderiam viver em um novo planeta. Este conceito visionário de futuro espacial e libertação racial atraiu seguidores, ampliando as fronteiras da expressão cultural afro-americana.

Figura 1 - Filme: “Space is the place”



Fonte: Youtube, 2022.

Além de Mark Dery, outros pensadores, como Kodwo Eshun (escritor e cineasta, que emerge como uma voz influente nesse contexto), contribuíram significativamente para o desenvolvimento teórico e prático do movimento. Em seu livro “*More Brilliant than the Sun*” (1998), reconhecido como a primeira obra teórica totalmente dedicada ao Afrofuturismo, explora a interseção entre música negra, ficção científica e tecnologia. Em seu artigo “*Further Considerations on Afrofuturism*” (2003), Eshun argumenta que o Afrofuturismo vai além de simplesmente incluir personagens negros em narrativas de ficção científica. Ele enfatiza que essas histórias imaginativas refletem realidades vividas por pessoas negras e propõe o Afrofuturismo como um programa para recuperar e reimaginar contra-futuros em um contexto histórico que frequentemente marginalizou as projeções afrodiáspóricas (SOUZA, 2019, p. 33).

O Afrofuturismo não se limita a ser uma manifestação artística e cultural, mas também funciona como um projeto de reinterpretação e resgate histórico. Ao combinar elementos de ficção científica, mitologia, e a realidade das experiências afrodescendentes, o movimento desafia e subverte narrativas convencionais, oferecendo um espaço de liberdade criativa e crítica. A influência de pensadores como Kodwo Eshun e outros ampliam o alcance do Afrofuturismo, transformando-o em um campo dinâmico e vital de reflexão sobre o passado, o presente e as possibilidades futuras da cultura negra globalmente. A escritora e pedagoga Lu Ain-Zaila, em seu livro “*Sankofia: Breves Histórias Afrofuturistas*”, descreve:

E é esta certeza, a de merecer um futuro que vai levar a população africana e afrodiáspórica, aonde quer que esteja a pensar Futurismo Negro, tanto de modo histórico exigindo direitos e dignidade através de pessoas reais como, por exemplo, Martin Luther King, Mandela ou Aqualtune, quanto de forma ficcional contemplando realidades alternativas onde liberdade e existência são necessidades básicas conquistadas frente a uma linha do tempo histórica cheia de entraves à estes princípios básicos, e insegura a sua presença no presente e principalmente no futuro. (AIN-ZAILA, 2019, p.5)

Esta seção explora os antecedentes essenciais do Afrofuturismo, mostrando como pioneiros influenciaram e moldaram o movimento antes mesmo de ser formalmente nomeado. Através da abrangência em diversos campos como música, literatura e arte visual, é possível entender a definição do movimento pelos trabalhos realizados. Para uma compreensão mais ampla do movimento, é necessário expandir a análise para diversas áreas além das artes plásticas, com a contribuição de artistas e escritores nacionais e internacionais selecionados, assim estes exemplos ilustram como o movimento se manifesta de maneira diversa e multifacetada.

2.2 Influência na cultura contemporânea

Neste momento é importante explorar o conceito do afrofuturismo, suas raízes históricas e culturais, e sua influência na cultura contemporânea, com isso, analisaremos figuras importantes, cujos trabalhos são fundamentais para a compreensão do afrofuturismo. Além disso, discutiremos como a literatura afrofuturista aborda questões de identidade e resistência, contribuindo para a formação de uma nova narrativa cultural para as comunidades negras.

2.2.1 Afrofuturismo no audiovisual

O filme “Pantera Negra” (2018) se destaca como um marco contemporâneo do Afrofuturismo no cinema, incorporando elementos distintivos deste movimento. O filme apresenta um herói negro, o rei T'Challa, que governa Wakanda, uma nação fictícia avançada tecnologicamente graças ao vibranium, um metal precioso. A representação de Wakanda como uma potência tecnológica e cultural africana, preservada e desenvolvida secretamente, ressalta a imaginação afrofuturista de um futuro onde a África não foi colonizada e pode prosperar em plenitude.

“Pantera Negra” não apenas oferece um herói negro proeminente, mas também foi significativo para crianças e jovens negros que encontraram um ícone positivo e inspirador. O filme desafiou estereótipos ao retratar uma sociedade afrocentrada e sofisticada, estimulando reflexões sobre racismo, identidade e representação na mídia. Ao colocar essas questões em discussão, Pantera Negra não só alcançou um sucesso de bilheteria, mas também reforçou a importância de narrativas inclusivas e diversas no cinema contemporâneo.

No cenário do cinema brasileiro, destaca-se o filme “Branco Sai, Preto Fica” (2014), dirigido por Adirley Queirós. Este trabalho cinematográfico é um manifesto contra a violência policial motivada pelo racismo no Brasil, combinando elementos de documentário e ficção. A trama gira em torno de dois personagens principais: Marquim da Tropa e Shockito, ambos vítimas de uma intervenção policial violenta durante um baile funk em Brasília nos anos 80. Marquim ficou paralisado nos membros inferiores e Shockito perdeu uma perna devido aos eventos traumáticos. O título provocativo do filme, “Branco Sai, Preto Fica”, é uma referência direta ao momento em que a polícia interrompeu brutalmente o baile.

Um terceiro personagem, Dilmar Durães, vem do futuro para reunir provas dos acontecimentos no baile funk para responsabilizar o Estado. Esta narrativa não apenas

explora questões de injustiça racial e violência policial, mas também utiliza elementos afrofuturistas ao imaginar um futuro onde as vítimas buscam justiça através da tecnologia e da resistência cultural.

“Branco Sai, Preto Fica” também levanta questões profundas sobre racismo estrutural e a luta por reconhecimento e igualdade. O filme se tornou um ponto de reflexão crucial, provocando debates sobre representação e justiça social na cultura contemporânea. Ao fazer isso, ele exemplifica o potencial do Afrofuturismo como um meio para explorar e desafiar narrativas históricas e sociais, oferecendo novas visões de possibilidades futuras para comunidades historicamente marginalizadas.

Os dois filmes Pantera Negra e Branco Sai, Preto Fica, trazem histórias e contextos culturais diferentes, que refletem realidades distintas das experiências negras ao redor do mundo, mas ambos os filmes tiveram um impacto significativo na sociedade, gerando discussões sobre representação, racismo e identidade.

Figura 2 - Cena do filme: “Branco Sai, Preto Fica”

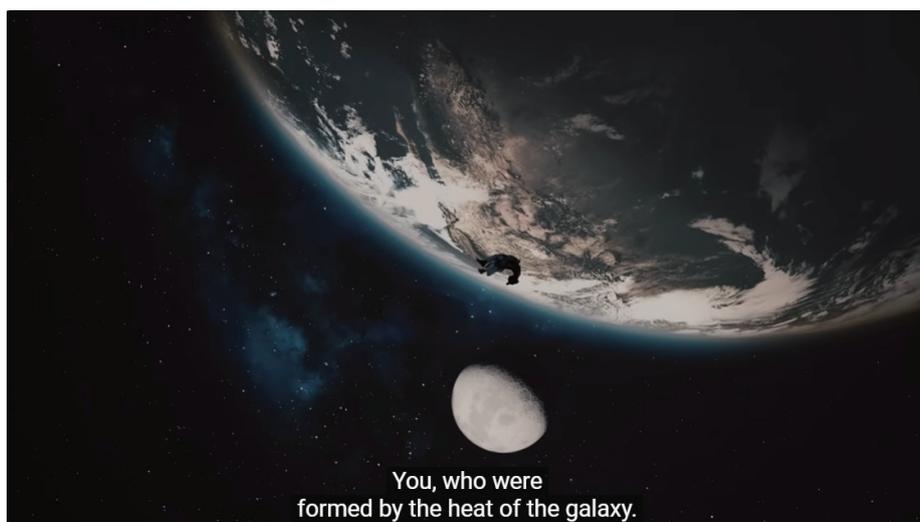


Fonte: Gazeta do Povo, 2015.

No campo da música, uma referência importante é “*Black Is King*”, um filme lançado por Beyoncé em 2020, que serve como uma poderosa ferramenta para enaltecer a cultura negra e da diáspora africana. O filme é uma extensão do álbum “*The Lion King: The Gift*” (2019), lançado por Beyoncé como trilha sonora para o remake do filme “O Rei Leão” (2019). Este álbum visual reinterpreta as lições do filme para inspirar os jovens de hoje a buscarem suas identidades.

Em “*Black Is King*”, Beyoncé utiliza visuais ricos, música, moda e narrativa para destacar a beleza, a resiliência e a criatividade da comunidade negra, conectando elementos históricos com uma visão futurista. O filme é composto por uma série de videoclipes que contam a história de um jovem africano que embarca em uma jornada de autoconhecimento, celebrando suas raízes e heranças. “*Black Is King*” aborda temas como identidade, pertencimento, ancestralidade e empoderamento, apresentando uma visão positiva e empoderadora da experiência negra.

Figura 3 - *Black is king*



Fonte: Youtube (2020)

Ainda no campo da música, mas no contexto brasileiro, destaca-se a artista Xênia França, cantora e compositora que mistura elementos de jazz, samba e R&B, criando uma sonoridade única que celebra suas raízes africanas e brasileiras.

O disco “Xenia” (2017) da artista apresenta afrossonoridades que combinam um R&B jazz futurístico com beats, piano elétrico e sintetizadores, junto às batidas ancestrais do rum, rumpi e le, os atabaques usados nos xirês (ritual/dança circular para evocar os orixás) do candomblé. Esta fusão cria uma atmosfera sonora que homenageia as raízes africanas e contemporâneas, refletindo a conexão espiritual e cultural⁴.

“NAVE” é a música principal do álbum e possui um videoclipe lançado em 2019 que é um exemplo da união entre arte e ativismo, promovendo uma profunda reflexão sobre ancestralidade, espiritualidade e resistência. A letra aborda autoconhecimento e cura, utilizando a metáfora de uma nave para simbolizar a transformação espiritual e a reconexão

⁴ QUEIROZ, Rafael Ferreira de, “Cruzando a órbita prum novo mar: Xênia França e o afrofuturismo no videoclipe de Nave”, 2021.

com raízes africanas. Com uma sonoridade que mistura música eletrônica e ritmos afro-brasileiros, o clipe apresenta uma estética futurista e ancestral, com o gênero sci-fi, viagem espacial, repleta de simbolismos culturais utilizados no clipe pela artista como instrumentos de tecnologia, entre eles os búzios utilizados no candomblé, hieróglifos egípcios entre outros (QUEIROZ,2021).

Figura 4 - Nave - referência ao candomblé



Fonte: Youtube (2019)

2.2.2 Afrofuturismo nas artes visuais

Indo além das palavras, as artes plásticas são um meio de comunicação que oferece múltiplas interpretações. A imagem, quando inserida nesse contexto, pode despertar a imaginação, atrair o olhar e evocar pensamentos e reflexões. Ela permite que o observador relembre experiências e se envolva de maneira profunda com a obra. Há ideias e emoções que só podem ser plenamente transmitidas mediante formas visuais, como ilustrações, pinturas, esculturas, fotografias e outras expressões artísticas. Nessas composições, cada traço e cada elemento visual carrega uma essência particular, capturando detalhes que são essenciais para a compreensão da obra. O artista visual trabalha para comunicar conceitos e emoções de maneira que palavras sozinhas não poderiam alcançar, criando uma conexão imediata e intuitiva com o espectador.

Para a análise, foram selecionados três artistas: Felipe Borges, que se conecta diretamente com o afrofuturismo, Ayrson Heráclito e No Martins, artistas que, embora não trabalhem especificamente com o afrofuturismo, são fundamentais por abordarem questões relacionadas à diáspora africana, estabelecendo diálogos relevantes com a pesquisa.

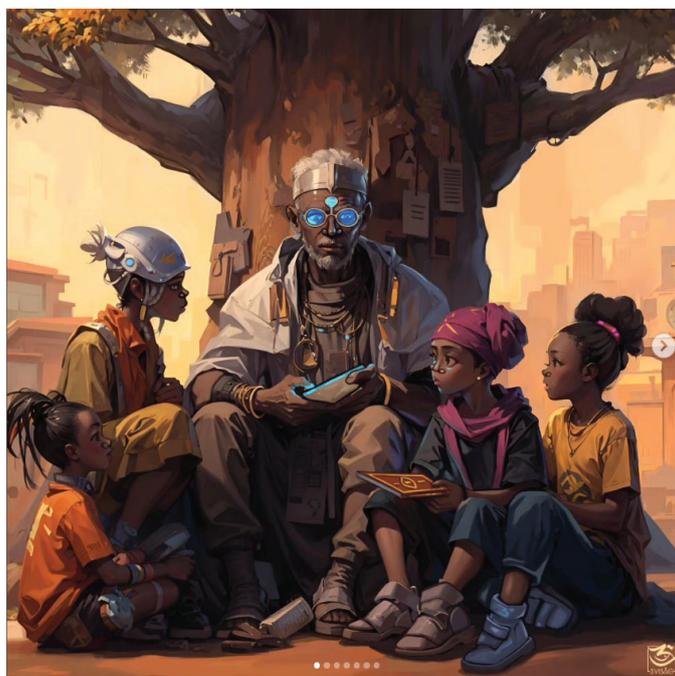
O artista visual Felipe Borges, conhecido artisticamente como Felip 3^avisao, é reconhecido por suas obras que exploram os aspectos do afrofuturismo, abordando temas

sociais e culturais por meio de arte pública e ilustrações. Borges apresenta um estilo vibrante e impactante, combinando técnicas tradicionais com elementos contemporâneos. Suas obras não apenas decoram espaços urbanos, mas também provocam reflexões.

Em uma exposição virtual intitulada “Afro-Remix 2.0”, que apresenta obras de artistas afro-brasileiros, Borges exibiu sua arte intitulada “Contador de Histórias” (2023). Em uma publicação em sua página, o artista destaca um trecho sobre sua obra:

O ano é 2083, um ancião conta sobre o movimento artístico que ocorreu em 1920 no Brasil, seu olhar atento está direcionado para quatro crianças que o rodeiam, ansiosas para absorver as palavras da história. Ao fundo a cidade de São Paulo se estende em arranha-céus futuristas e vias de transporte avançadas, as palavras e imagens dos tablets, ressoam com sabedoria e memória, trazendo à vida as lutas e triunfos dos artistas pretos durante o movimento modernista no Brasil. (BORGES. 2023)

Figura 5 - Família Afrofuturista



Fonte: Felipe Borges (instagram,2023)

Outro artista visual amplamente reconhecido é Ayrson Heráclito, artista visual, performer, professor e curador, os quais os trabalhos transitam entre performance, instalação, fotografia e vídeo. Seu trabalho é notável por abordar temas relacionados à cultura afro-brasileira, ancestralidade, rituais religiosos africanos e o impacto da colonização na diáspora africana.

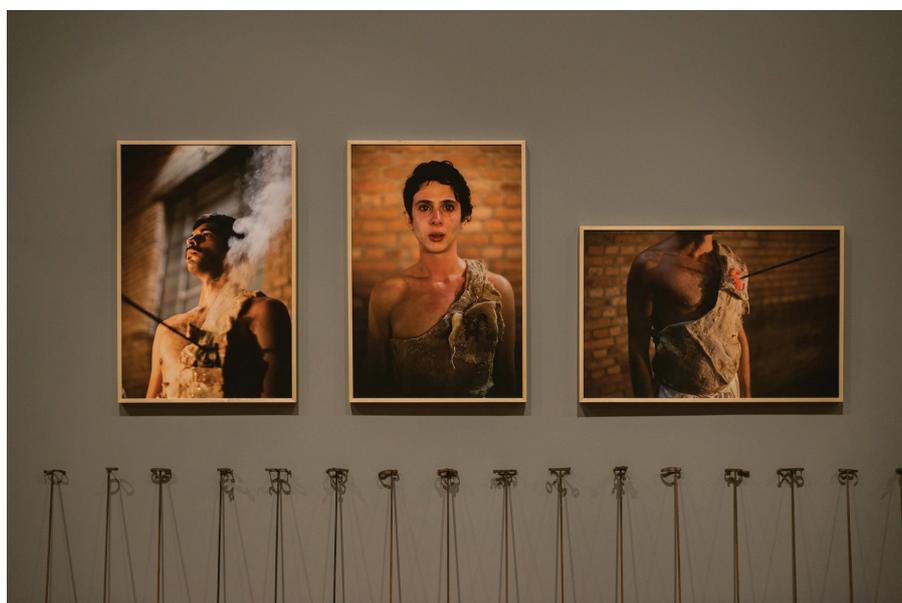
Em 2022, o artista apresentou uma exposição de 63 obras na Pinacoteca de São Paulo, intitulada “Yorùbáiano”. Esta exposição evidencia a profunda conexão entre a cultura

afro-brasileira e as tradições iorubás, refletidas nas práticas religiosas e culturais da diáspora africana no Brasil, como o Candomblé. A mostra utilizou uma variedade de mídias, incluindo vídeos, fotografias, instalações e performances, para explorar esses temas⁵.

A conexão do artista com o sagrado é muito evidente em seu trabalho, que apresenta rituais do Candomblé e outras práticas religiosas africanas. Isso mostra a espiritualidade, a resistência e preservação dessa identidade afro-brasileira.

As performances desempenham um papel fundamental nas obras do artista, e uma que se destaca é “Transmutação da carne”, de 2015. Essa foi exibida por meio de fotografias e os ferros com monogramas emparelhado abaixo das fotografias, sendo que na parte superior dos ferros apresentam os monogramas de senhores de engenho. Durante a performance, indivíduos vestem roupas feitas de carne de charque sendo marcadas com esses monogramas, simulando a condição de posse por um senhor de engenho e também ressaltando torturas associadas ao fogo. O corpo é um elemento central nas obras de Heráclito, utilizado tanto como sujeito quanto como objeto de investigação. Em “Yorùbáiano”, o corpo se torna um veículo para explorar a memória coletiva, a dor da diáspora, e a resistência cultural⁶.

Figura 6 - Transmutação da carne



Fonte: Pinacoteca de São Paulo (2022)

Vale ressaltar também a incorporação de materiais simbólicos significativos na cultura e religiões afro-brasileira, como o azeite de dendê, milho, pipoca, entre outros que são

⁵PINACOTECA DE SÃO PAULO. **Ayrson Heráclito**. Disponível em: <https://pinacoteca.org.br/conteudos-digitais/video/ayrson-heraclito/>. Acesso em: 27 ago. 2024.

⁶CASA REDONDA. **Transmutação da Carne Ayrson Heráclito** - YouTube, 05 maio 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jmAcqx8UwIM>. Acesso em: 27 ago. 2024.

associados à energia vital nos rituais. Esses elementos criam uma conexão profunda com as tradições ancestrais. Os trabalhos do artista e a exposição “Yorúbáiano” em questão destacam a riqueza cultural da Bahia e do Brasil, mas também convidam os espectadores a refletirem sobre a colonização, a ancestralidade e a cultura afro-brasileira na construção da nação brasileira.

Figura 7 - Instalação da série Bori - Oferenda à Cabeça



Fonte: Pinacoteca de São Paulo (2022)

Figura 8 - Banhistas



Fonte: Pinacoteca de São Paulo (2022)

No Martins é um artista visual de São Paulo que aborda questões sociais, culturais e políticas, com o foco no racismo, violência policial e identidade negra. Sua obra transcende a

pintura tradicional, incorporando elementos de instalação, performance e arte pública, inspirada no ambiente urbano de São Paulo, usando grafite e pichação. Ele explora a desumanização da população negra e utiliza sua arte como ferramenta de militância, participando de exposições e movimentos sociais. Seu trabalho é reconhecido por seu impacto emocional e político, contribuindo significativamente para o debate sobre questões raciais no Brasil⁷.

As pinturas do artista utilizam principalmente tinta acrílica sobre tela, mas ele também explora outros materiais, como chapas de ferro e lonas de caminhão. Ele escolhe a lona pela rigidez do tecido e pela história que carrega, com seus remendos que remetem a cicatrizes. Além disso, No Martins utiliza suportes inusitados, como cédulas, exemplificado na série “Pra ver se dão valor”, de 2021. Nesse trabalho, o artista pinta pessoas negras sobre cédulas que tradicionalmente exibem figuras brancas, questionando o valor atribuído a corpos negros que, historicamente, foram tratados como moeda ou ferramentas de trabalho⁸.

Figura 9 - Série Pra ver se dão valor - 2021



Fonte: Millan art - foto: Julia Thompson

⁷PROJETO AFRO. No Martins. 2023. Disponível em: <https://projetoafro.com/artista/no-martins/>. Acesso em: 27 ago. 2024.

⁸Revista bravo. Ateliê do artista: No Martins. YouTube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UuHySLi95Ho>. Acesso em: 27 ago. 2024.

2.2.3 Afrofuturismo na literatura

Kellen Silva, em seu artigo intitulado “O afrofuturismo como forma de representação cultural” (2016), discute que na década de 1980 emergiu a afrocentricidade como um movimento de autodefinição do povo negro, baseado em critérios próprios da cultura africana, como resposta à supremacia eurocêntrica (SILVA,2016, p.7). Nas narrativas afrofuturistas, observa-se uma busca pela ancestralidade, mitologias e tradições, que contrapõem conceitos eurocêntricos.

Lu Ain-Zaila, em seu livro “Sankofia: Breves Histórias Afrofuturistas” (2019), apresenta 12 contos destinados a inspirar e educar sobre o afrofuturismo. A autora explora profundamente a história e a ancestralidade africana e diaspórica, utilizando uma vasta bibliografia para tornar suas histórias educativas e reflexivas. Ao longo do livro, Ain-Zaila explora diversos aspectos do afrofuturismo e das lutas dos negros, destacando personagens que demonstram forte resistência e identidade.

Em um dos contos intitulado “Era Afrofuturista”, uma garotinha visita, com seu pai, um centro cultural dedicado ao afrofuturismo, chamado “*Space is the Place*”⁹. Dentro desse centro cultural, há uma exposição que narra a história do povo negro, desde o período da escravidão até o momento em que estão vivendo na era afrofuturista. Por meio dessa narrativa, Lu Ain-Zaila explora, de maneira fluida e didática, as fases cruciais da história negra: o sofrimento e resistência durante a escravidão, as lutas pela conquista de direitos civis, e a celebração das conquistas e figuras importantes que moldaram essas lutas. Através dessa jornada, o conto não apenas educa sobre o passado, mas também inspira uma visão de um futuro que valoriza e reconhece a cultura negra. Desse modo, vale ressaltar um trecho significativo da história:

Conforme íamos avançando, cada vez mais eu ficava fascinado pelos atos de resistência em tempos tão áridos e difíceis por todo o país, e também com as ações de incentivo à alfabetização como fez a Sociedade Beneficente Luís Gama só cinco dias após o 13 de maio, a incrível organização da Frente Negra Brasileira com suas dezenas de associações educativas, culturais e tantas outras ações que buscavam mudar o destino sem horizonte da *gente negra* era fácil diante do racismo, dos poucos recursos e das instabilidades políticas. Uma das coisas que elas disseram e fizeram questão de frisar para nós dois é que palavras são um instrumento importante de poder, sendo capazes de uma sutileza massacrante em gotas ou de uma única batida feroz de martelo. E por isso, lutava-se no século XX (20) e XXI (21) para que as mídias e conteúdos de um

⁹ O Espaço é o Lugar

modo geral parassem de escrever, por exemplo, “escravos libertos” quando o correto seria dizer “negros libertos” A insistência no uso do termo *escravo* ao invés de *negro escravizado* deixava à vista uma naturalidade assustadora. Então, imagine como uma criança negra se sentia ao ter que ouvir que seus antepassados eram, só, e somente escravos, nunca pessoas: o escravo isso, os escravos aquilo, os escravos fugidos, os escravos libertos. Isso com certeza era horrível. (AIN-ZAILA, 2019, p. 30-31).

Fábio Kabral, outro autor de destaque no movimento afrofuturista, em seu livro “O Caçador Cibernético da Rua Treze” (2017), destaca na obra a mistura e a busca de tradições africanas, religião e tecnologia. O autor trabalha na história com o personagem João Arolê que vive em Ketu Três, uma cidade cheia de tecnologia, na qual a Rua Treze era a maior e mais movimentada da cidade, que atravessa todos os 13 círculos concêntricos da metrópole. O personagem João Arolê é um mutante cibernético e um *emi eje*, uma pessoa com poderes especiais que vinha do sangue dos espíritos, e ele é um caçador de espíritos malignos que ao longo da história, desvendará mortes que estão acontecendo com as pessoas na metrópole.

A Rua Treze era a maior e mais movimentada avenida de Ketu Três; (...). Árvores e plantas de vários tipos ornavam as calçadas do início ao fim. Arolê havia saído do Setor 9 da Treze cheio de prédios espelhados e em cujo chão de pedra deslizavam carros losangulares que flutuavam a milímetros do chão. O sol brilhava forte; ouvia-se blues espiritual e jazz ancestral, poetisas de soul cantando novos hits nos telões holográficos; circulavam pelas calçadas mulheres e homens – e gêneros indefinidos- (..) (KABRAL, 2017.p.9)

O autor constrói a história utilizando a mitologia iorubá e, em muitas situações, emprega metáforas significativas. Por exemplo, algumas pessoas que vivem em Ketu Três foram trazidas de um lugar denominado “continente”, o que remete aos negros trazidos da África para o Brasil como mão de obra escrava. Outro exemplo é a festa de libertação áurea, onde os habitantes do novo mundo comemoram sua independência dos alienígenas. Neste contexto, os alienígenas representam os colonizadores, e a celebração da vitória simboliza a luta pela liberdade. Inclusive, os espíritos ancestrais, os quais são profundamente respeitados em muitas culturas africanas e na mitologia iorubá, desempenham um papel crucial no livro, fornecendo energia para prédios, carros e outras estruturas, refletindo sua importância como força motriz na narrativa.

Além da história, o livro de Fábio Kabral apresenta algumas ilustrações que desempenham um papel crucial na narrativa, elucidando muitas questões. As ilustrações são detalhadas e envolventes, permitindo que o leitor se insira profundamente na história. Esses elementos visuais ajudam a criar e imergir no cenário da cidade e na vida dos personagens,

enriquecendo a experiência de leitura e proporcionando uma compreensão mais completa do enredo e das metáforas presentes.

Os autores Lu Ain-Zaila e Fabio Kabral construíram suas histórias em torno de um universo que destaca o protagonismo negro, apresentando personagens fortes que evidenciam sua presença nas comunidades em que vivem. Eles desenvolveram narrativas de ficção científica e fantasia, abordando o passado, o presente e o futuro, e destacando a presença e a importância dos negros ao longo desses períodos. Além disso, os autores incorporam valores e perspectivas africanas, com ênfase na ancestralidade. Lu Ain-Zaila, em particular, destaca muitos aspectos da história dos negros, inserindo fatos históricos e elucidando questões frequentemente mal compreendidas por muitos.

Levado a escravidão para o seu fim eminente, não por consciência humana, mas porque não era mais rentável. Eles escreveram sabendo que um dia resgataríamos suas histórias, de pessoas capazes e as únicas interessadas em expor a beleza e a verdade da vida dos negros, da vida deles e da nossa própria, mesmo que ainda não vivida. (AIN-ZAILA, 2019, p. 30)

Outra autora muito conhecida que transita entre fatos históricos e diferentes períodos é Octavia Butler, em seu livro “Kindred: laços de sangue”, um romance de ficção científica publicado em 1979.

A obra mescla elementos de ficção especulativa com uma profunda reflexão sobre a história da escravidão nos Estados Unidos. A história segue com a personagem principal, Dana, uma mulher afro-americana que vive na década de 1970 em Los Angeles. Inesperadamente, ela é transportada no tempo e espaço para a Maryland do século XIX, onde encontra seus ancestrais escravizados. Durante a história, Dana se teletransporta sempre que Rufus, um jovem branco que é seu ancestral, está em perigo. Sempre que Rufus corre risco de vida, Dana é levada de volta ao passado para salvá-lo, o que a obriga a enfrentar as brutalidades da escravidão.

Durante a leitura da história é perceptível a maneira como Octavia Butler subverte as convenções temporais e espaciais da ficção científica para confrontar questões de identidade racial, história e trauma. O livro não apenas examina as consequências históricas da escravidão, mas também especula sobre como o passado influencia o presente e o futuro das comunidades afro-americanas.

Os três livros, “Caçador Cibernético”, “Sankofia” e “Kindred”, apresentados neste estudo, abordam elementos afrofuturistas de maneiras distintas e complementares.

"Sankofia", de Lu Aín-Zaila e o "Caçador Cibernético", de Fábio Kabral, constroem universos onde o protagonismo negro é central, utilizando a ficção científica e a fantasia para explorar o passado, presente e futuro das pessoas negras, sempre enfatizando a ancestralidade e os valores africanos e buscando pontos históricos que se relacionam ao nosso contexto brasileiro. Por outro lado, "Kindred", de Octavia Butler, desafia as narrativas convencionais da ficção científica ao apresentar uma protagonista negra que viaja no tempo, explorando temas de poder, sobrevivência e resistência. Ao mesmo tempo, funciona como uma crítica social poderosa, abordando questões de raça, identidade e justiça histórica enquadrado no contexto norte-americano.

É interessante perceber como cada autor trabalha através de sua própria ótica, contribuindo de maneira relevante. Ao analisar essas obras em conjunto, podemos observar o impacto do afrofuturismo na comunicação, não apenas como uma ferramenta para reimaginar o futuro, mas também como uma crítica social que estimula reflexões cruciais sobre a experiência negra, o racismo, e a busca por justiça e igualdade. Assim, esses livros não só proporcionam entretenimento, mas também podem educar e inspirar, oferecendo novas visões sobre a história e a cultura negra.

As produções afrofuturistas se destacam como uma forma poderosa de representação positiva e multifacetada das comunidades negras, sendo um ponto positivo para a educação antirracista. No contexto educacional, o afrofuturismo emerge como uma ferramenta transformadora para promover uma abordagem mais inclusiva e antirracista.

Integrar narrativas afrofuturistas nas atividades escolares enriquece o aprendizado dos alunos, fomentando o pensamento crítico e a valorização da diversidade cultural. Essa abordagem contribui para a construção de ambientes educacionais mais justos e representativos, onde todos os estudantes podem se sentir valorizados e capacitados. Lu Aín-Zaila enfatiza a importância da representatividade como um poderoso instrumento de identidade: "Representatividade é poder, algo que não podemos abrir mão de ter. Hoje sou quem sou e estou aqui porque outros e outras ensinaram a mim e a tantos e tantas antes de mim que rostos negros têm valor, história para contar e podem inspirar qualquer um" (AIN-ZAILA, 2019, p. 36).

Além disso, evidenciar o trabalho desses artistas e escritores que impactam a cultura, a identidade e as expressões artísticas contemporâneas com narrativas que reimaginam a história e projetam futuros possíveis, é uma forma de apresentar múltiplas perspectivas da história.

Chimamanda Adichie, em seu livro “O Perigo de uma História Única” (2019), destaca:

Histórias têm sido usadas para expropriar e ressaltar o mal. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida. [...] Eu gostaria de finalizar com esse pensamento: Quando nós rejeitamos uma única história, quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre nenhum lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso. (ADICHIE,2019,p.16)

3. CAPÍTULO 2 - AFROFUTURISMO NA EDUCAÇÃO PARA UMA ABORDAGEM INCLUSIVA E ANTIRRACISTA

3.1 Educação Antirracista: Fundamentos e Práticas

A educação não pode estar ligada a qualquer defesa de desenvolvimento humano e de seu caráter civilizatório que esteja calçada em uma única lógica. Em outras palavras, a educação não pode estar a serviço do modelo dominante, pois ela, em sua radicalidade, é a força motriz que possibilita enveredarmos e nos mantermos atentos e atuantes nos processos de descolonização (RUFINO, 2021, p. 10).

A educação é o passo inicial de formação do ser humano, desempenhando um papel fundamental na construção de sua identidade, valores e conhecimentos. Desde os primeiros anos de vida, a educação molda como os indivíduos percebem e interagem com o mundo ao seu redor. Neste sentido, ela não pode se limitar a um currículo rígido e universalista, mas deve ser inclusiva, reflexiva e adaptada às diversas realidades culturais e sociais, sendo assim, é nesse sentido que o autor Luiz Rufino retrata em seu livro “Vence-demanda: Educação e Descolonização” (2021).

Rufino aborda sobre como a educação deve ser ampliada para além de ser uma preparação para o mercado de trabalho, em vez disso, a educação precisa ser o meio que desafia a conformidade e as ideias universalistas, promovendo múltiplas perspectivas e lógicas de desenvolvimento humano. A partir dessa ideia, a educação antirracista é uma prática de ensino dedicada a combater o racismo e promover a igualdade racial no ambiente educacional. Este conceito surge da necessidade de lidar com as desigualdades históricas e estruturais que afetam as populações racializadas, especialmente a população negra.

No livro “Negras (in)confidências–Bullying, não. Isto é racismo” (2012), Benilda Brito aborda a importância de reconhecer e combater o racismo nas instituições educacionais. Sua obra contribui significativamente para o entendimento e implementação da educação antirracista, destacando como práticas discriminatórias afetam negativamente os estudantes

negros.

Amariles Rodrigues, uma das participantes do livro *Negras (in)Confidências*, compartilhou um relato profundamente tocante: “Hoje, nesta época que estou vivendo, eu posso tudo, só que agora eu já não quero mais. E não é por causa da idade, não. Eu já não quero mais.” (RODRIGUES,2013,p.31). Este testemunho revela como eventos traumáticos podem impactar as crianças e continuar a afetá-las na vida adulta. Marília Carvalho Soares complementa essa ideia ao afirmar: “Sabe-se o quanto as experiências e palavras escutadas na infância são estruturantes, relevando-se constitutivas” (CARVALHO,2013,p.11). Outro exemplo comovente é o de Ângela Cruz, que descreve: “Daí, eu resolvi ‘ignorar’, fingir que não ouvia. Mas, fora da escola, eu só fazia chorar. Chorava muito em casa, escondido de todo mundo. Não queria que ninguém soubesse, tinha vergonha. Comecei a achar que ser negra era um castigo.” (CRUZ,2013,p.62). Sentimentos de introspecção, insegurança e tristeza permeiam esses relatos, destacando o quanto essas vivências dolorosas deixam marcas profundas e duradouras.

Esses são 3 dos 21 relatos das mulheres que relataram que foram vítimas de racismo na escola. Cada um desses relatos percebe-se a memória difundida nelas, uma memória carregada de dor e resiliência. As experiências compartilhadas mostram o impacto profundo e prolongado que o racismo pode ter na formação da identidade e no bem-estar emocional. Cada história mostra a luta interna e externa para encontrar um lugar de pertencimento e dignidade em um ambiente frequentemente hostil. Além disso, esses relatos ressaltam a necessidade urgente de uma educação que não apenas reconheça, mas também combata as desigualdades raciais, criando ambientes seguros e inclusivos para todos os alunos. Essas mulheres rompem o silêncio registrando e compartilhando essas vivências.

Benilda Brito e Valdecir Nascimento discutem no livro como o combate ao racismo é tratado no Brasil, afirmando que, mesmo com a significativa presença da população negra antes e depois da escravidão no Brasil, não houve propostas de inclusão para esses indivíduos. Em vez disso, existiram leis e decretos que legitimavam a exclusão, como a proibição da entrada de negros no sistema educacional brasileiro, tudo isso envolto em um profundo silêncio (BRITO, NASCIMENTO, 2013,p.19). Esta questão sublinha a ausência histórica de políticas de inclusão e o impacto das medidas excludentes que perpetuaram a marginalização da população negra no país.

Com isso, elas destacam em como os movimentos sociais foram importantes para a luta dos direitos, principalmente o movimento negro, que liga diretamente a origem da educação antirracista, e uma das forças foi a promulgação da Lei 10.639/2003, que torna

obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas. Esta lei representa um marco significativo na luta contra o racismo no sistema educacional brasileiro, ao reconhecer a importância de valorizar as contribuições das populações afro-brasileiras e de enfrentar as desigualdades raciais através da educação.

Por meio disso, a educação vai além da mera aquisição de conhecimentos específicos. Ela não se limita ao aprendizado de certas habilidades ou ao acúmulo de informações; ao contrário, a educação verdadeira é aquela que mantém viva a curiosidade, o espírito exploratório e a capacidade de imaginar e experimentar o mundo. Além disso, em contextos marcados pela violência do colonialismo, a educação tem uma missão urgente: restaurar e proteger a dignidade daqueles que foram oprimidos e marginalizados. Para construir um futuro mais justo e desafiar e resistir à dominação, essa dignidade deve ser preservada e valorizada.

A educação não se faz na tarefa de aprender uma ou outra coisa, nem na capacidade de aprender muitas coisas. A educação se faz na capacidade de manter a vivacidade dos seres para vadiarem no mundo, experimentando, circulando e dando o acabamento do que ele é e do que pode vir a ser. A educação como radical da vida e prática de liberdade nos contextos afetados pelo acontecimento colonial tem uma tarefa inadiável: recuperar a dignidade dos que foram violentados e mantê-la acesa para alumiar o tempo e cegar o olho grande do assombro da dominação. (RUFINO, 2021, p. 15)

A educação antirracista é essencial para desconstruir as desigualdades e promover uma sociedade mais justa e inclusiva. No entanto, para que essa educação seja verdadeiramente transformadora, ela deve não apenas desafiar as narrativas dominantes, mas também oferecer novas perspectivas que inspirem e capacitem os alunos a imaginar futuros alternativos. É nesse contexto que o afrofuturismo se torna uma ferramenta pedagógica valiosa.

O afrofuturismo, ao reimaginar o futuro a partir de uma perspectiva afrocentrada, proporciona uma rica fonte de inspiração para a educação antirracista. Ele não apenas celebra a cultura e a história afrodescendentes, mas também projeta essas identidades em futuros possíveis, onde as contribuições africanas e afro-brasileiras são reconhecidas e valorizadas. Ao incorporar o afrofuturismo na educação, os alunos têm a oportunidade de explorar novas narrativas que vão além da opressão e da resistência, para incluir visões de empoderamento, inovação e autossuficiência.

Essa abordagem não só desafia o status quo, mas também enriquece a imaginação dos estudantes, dando-lhes uma visão de um mundo onde a diversidade cultural é a base para a

construção de futuros mais justos e equitativos. Assim, ao trabalhar com o afrofuturismo, a educação antirracista não apenas restaura o passado e o presente, mas também constrói um futuro em que todas as vozes são ouvidas e todos são valorizadas.

3.2 A prática do afrofuturismo na educação: Como o afrofuturismo pode ser um instrumento na educação antirracista?

Como discutido no Capítulo 1, o afrofuturismo se tornou um movimento amplamente difundido no Brasil que abrange uma variedade de áreas de conhecimento e formas de expressão cultural. A inserção desse movimento no contexto educacional, mediante práticas pedagógicas inovadoras revela-se de grande relevância para a promoção de uma educação antirracista.

Assim, o objetivo desta secção é, portanto, apresentar uma prática educativa relacionada ao afrofuturismo, evidenciando como ele pode ser utilizado como um instrumento eficaz na promoção de uma educação antirracista.

A literatura, como um meio potente de estimular a imaginação e o pensamento crítico, é uma das principais vertentes do afrofuturismo na educação. Com isso, Hiara Rebeca Cardoso Cruz iniciou, em 2022, o “Projeto Boyebi”, cujo principal objetivo é promover a literatura afrofuturista e destacar sua importância na construção de novas narrativas e perspectivas para a população negra. O projeto surgiu em resposta a um caso de racismo na escola de Hiara, evoluindo para uma intervenção educativa que utiliza a literatura afrofuturista como ferramenta de empoderamento e resgate da identidade negra.

Por meio de atividades como oficinas literárias, encontros com autores e discussões em grupo, o projeto incentiva a participação ativa dos jovens em um processo de aprendizagem que vai além do currículo tradicional. “Boyebi” não só enriquece o repertório cultural dos participantes, mas também fortalece a identidade e o senso de pertencimento, promovendo a autoestima e o empoderamento. Desde o seu início, em julho de 2023, o projeto impactou diretamente mais de 200 estudantes e, em maio de 2024, contava com mais de 200 interessados¹⁰.

Iniciativas como o Projeto Boyebi são fundamentais para a educação antirracista, por oferecerem espaços onde as vozes e as histórias negras são centralizadas e celebradas. Ao conectar a literatura afrofuturista com práticas pedagógicas inovadoras, o projeto contribui

¹⁰ CRUZ, Hiara Rebeca Cardoso. BOYEBI: o impacto da literatura afrofuturista. Comunidade LED - Luz na Educação. Disponível em: <https://comunidade.led.globo/projetos/boyebi-o-impacto-da-literatura-afrofuturista/>. Acesso em: 10 ago. 2024.

para a criação de ambientes educacionais mais inclusivos e representativos.

Embora tenha sido desafiador encontrar outras aplicações diretamente voltadas para as artes plásticas no contexto educacional, o livro e a abordagem afrofuturista que ele explora mantêm uma relação direta com este trabalho. O foco na literatura como um meio de promoção de representatividade e fortalecimento da identidade negra, como visto no Projeto Boyebi, revela uma interseção com o conceito de empoderamento visual e criativo nas artes plásticas. A influência do afrofuturismo na imaginação crítica, seja por meio de palavras ou imagens, reforça o diálogo sobre ancestralidade, identidade e resistência, temas centrais no desenvolvimento da produção artística contemporânea e também no presente estudo.

4. CAPÍTULO 3 - CONCEPT ART: "JORNADA DO CÉU ESTRELADO"

4.1

"Jornada do Céu Estrelado"

Pâmela Soares.

Em um mundo onde as civilizações tinham suas próprias habilidades e conhecimentos únicos, os humanos eram conhecidos por sua engenhosidade e criatividade.

Os Magos da Luz eram mestres em manipular a energia estelar, sua pele brilhava com um brilho celestial, e seus olhos refletiam a luz das estrelas. Suas roupas eram adornadas com símbolos do sol, lua e estrelas.

Os Magos da Água dominavam os segredos dos oceanos e rios, sua pele tinha uma tonalidade azulada.

Os Magos da Natureza estavam em sintonia com o mundo natural, suas vestes eram feitas de folhas e galhos, e eles podiam se comunicar com as plantas e animais.

Por fim, os Magos do Tempo eram os guardiões das eras passadas e futuras. Eles possuíam o conhecimento para mover-se entre as linhas temporais, preservando o equilíbrio do tempo e garantindo que o passado e o futuro se mantivessem intactos.

Por mais que esses grupos tivessem suas próprias características, todos eles eram a união de uma coisa só, regiam para que tudo andasse de forma única para todos, criando tecnologias e melhorias para o convívio de todos.

E neste mundo onde tecnologia e natureza coexistiam em harmonia, vivia Helena Solares, uma garotinha curiosa e destemida de cabelos negros como a noite, que caíam suaves pelos ombros. Seus olhos eram como duas pérolas negras brilhantes, cheios de curiosidade e de aventura. Sua pele tinha um tom dourado, como se capturasse a luz do sol que banhava sua vila nas montanhas. Helena estava sempre pronta para explorar a natureza ao seu redor, com um sorriso radiante que iluminava qualquer lugar por onde passava.

A onde morava ficava aos pés de uma conjunto de montanhas, abrigando um grupo especial dos Magos da Luz. A vila estava cercada por uma floresta exuberante e misteriosa, onde as árvores desempenham um papel fundamental. Elas eram mais do que simples vegetais, eram guardiãs das memórias da terra, conectando o passado ao futuro. As estrelas no céu noturno,

além de sua beleza, desempenhavam um papel crucial. Elas alimentavam as árvores com a energia cósmica que possuíam, e eram também como registros dos ancestrais, guiando e iluminando o caminho para as gerações futuras.

O pai de Helena fazia parte dos Magos da Luz, era um homem sábio e gentil. Sempre manteve Helena imersa nas tradições de sua linhagem. Com longos cabelos prateados que brilhavam como se tivessem sido feitos com o pó das estrelas, que destacavam sua pele escura tanto sob a luz do dia quanto sob a iluminação da lua. Seus olhos profundos pareciam enxergar através do tempo, carregando consigo a sabedoria e a história de sua linhagem.

Ele contava histórias de raízes ancestrais, capazes de absorver a essência da terra e flutuar nos ventos do tempo, transmitindo à Helena o respeito e o amor pela natureza e pelas estrelas.

“Minha querida Helena, as estrelas lá em cima são como os olhos carinhosos de nossos antepassados, olhando para nós com amor e sabedoria. Assim como as árvores que nos cercam, que nos conectam às nossas raízes, nós fazemos parte de uma grande história que começou há muito tempo. Lembre-se sempre, minha filha, que a força de nossa família está em honrar nossa ligação com a terra e com o universo, porque somos feitos do mesmo pó das estrelas que brilham no céu”

Helena sempre foi fascinada pelo céu estrelado, ainda mais pelas histórias que seu pai contava, cada vez mais ela tinha a certeza de que as estrelas não eram apenas pontos de luzes distantes, mas sim seus ancestrais, que carregavam através de seus brilhos cintilantes a sua história, olhando para baixo com amor e sabedoria, guiando sua jornada pela vida.

Essa conexão com as estrelas inspirava Helena a sonhar com um futuro tão brilhante quanto o firmamento noturno, alimentando sua imaginação e sua curiosidade sobre o cosmos e o papel da humanidade dentro dele. No entanto, a ausência de seu pai a deixou um pouco distante de tudo. Mesmo não estando mais presente fisicamente, sua presença era sentida em cada estrela que brilhava no céu noturno, mas para Helena era difícil superar a perda de seu pai...

Certo dia, uma escuridão misteriosa começou a se espalhar pelo céu, apagando as estrelas uma a uma, o que causou grande preocupação entre os Magos da Luz e os demais grupos. Helena testemunhou essa cena e ficou assustada, pois sabia o quanto as estrelas eram importantes. No entanto, os magos estavam confusos e não se lembravam dos ensinamentos do pai de Helena. Por ser uma criança jovem, ninguém a ouviu quando ela tentou explicar sobre a ligação das árvores com as estrelas.

Determinada a resolver o problema, Helena decidiu agir. Com a ajuda de Venna, sua amiga robô, ela embarcou em uma jornada para restaurar a luz das estrelas e descobrir a causa da escuridão que ameaçava o céu noturno.

A garotinha disse:

— Venna, precisamos prestar atenção nas árvores! Meu pai costumava dizer que elas guardam segredos profundos que muitas vezes passam despercebidos.

— Excelente lembrança, Helena.

Chegando próximo às árvores, viram uma luz forte dentro da floresta. Ao se aproximarem, Helena e Venna viram que uma das árvores ancestrais mais antigas estava gravemente ferida. Uma profunda tristeza tomou conta de Helena ao perceber que a árvore sangrava uma luz, causando o apagamento das estrelas no céu.

— Como isso pode ter ocorrido? - pergunta a menina com tamanha tristeza

— Isso é completamente diferente de tudo que já vimos, mas para tudo existe uma solução! - explica Venna.

Determinadas a salvar a árvore e restaurar a conexão entre o passado e o futuro, a dupla elaborou um plano para consertar a fratura na árvore. Com determinação, começaram o trabalho de cura, utilizando ferramentas antigas e conhecimentos ancestrais transmitidos pelos Magos.

— Para tentarmos solucionar a fratura, precisaremos de cristais de cura, folhas de plantas sagradas, um cálice com água pura... Cada um desses elementos fazem parte dos grupos e juntos podem curar a árvore, explicou Venna.

Helena reuniu todo o material e retornou ao local. Deram início ao processo de cura da árvore, colocaram os objetos ao redor da árvore, uma pequena luz se acendeu nos objetos, mas se apagou em segundos... Perceberam que a fratura era muito grande e exigiria mais do que uma simples cura.

— VENNA, O QUE VAMOS FAZER? - perguntou Helena

Após alguns segundos, com muita dúvida, Venna respondeu:

— Ainda não sei bem. Imaginei que esse processo daria certo... Acho que, ao invés de fazer o processo por fora, teremos que fazer a cura de dentro para fora

Antes que pudessem pensar mais sobre a proposta, a árvore as puxou para dentro e, quando perceberam, estavam em um mundo mágico e surreal.

Dentro da árvore, Helena e Venna se encontraram em um espaço que desafiava o tempo e o espaço. O ambiente pulsava com uma energia antiga, como se tivessem atravessado um portal para as memórias mais profundas de suas raízes ancestrais. O ambiente ainda era a floresta mas com corredores e salas, cada uma repleta de relíquias e artefatos de eras distantes. Os objetos, empoeirados pelo tempo, pareciam sussurrar histórias, revelando momentos que moldaram não apenas a árvore, mas também suas próprias linhagens. Caminhando através dos corredores, era como se viajassem entre os séculos, revivendo os acontecimentos que influenciaram tanto a história de suas famílias quanto o destino do mundo ao redor.

E, para a surpresa da dupla, encontraram um pequeno senhor, que, em desespero, se mantinha escondido atrás de uma pilastra.

O pequeno senhor era o Guardião da Árvore, uma figura enigmática e sábia, cuja idade avançada não diminuía a sua determinação em proteger a árvore e suas histórias. Ele tinha a pele enrugada pelo tempo, os olhos brilhando com a sabedoria de séculos e vestia roupas feitas de folhas e cascas, camuflando-se perfeitamente com o ambiente da árvore.

Ao ver Helena e Venna, o guardião suspirou aliviado e se aproximou com um sorriso gentil.

— Ah, finalmente chegaram! Eu estava preocupado com vocês. Vejo que vocês tiveram coragem para entrar aqui.

— Caro senhor, fomos puxadas para dentro e não tivemos tempo para pensar, nós viemos para consertar a árvore e restaurar as estrelas. Como podemos ajudar? - disse a garotinha

— Sim, precisamos de sua orientação. O que devemos fazer para curar a árvore? - disse Venna

Após alguns segundos o Guardião respondeu:

— Então, vamos! Eu posso ajudar vocês! - o Guardião suspirou - Isso nunca havia acontecido. Esse rompimento foi completamente inesperado. As árvores são as guardiãs de nossas memórias e histórias, e essa ferida em uma árvore tão antiga está afetando não apenas

as estrelas, mas também nossa conexão com o passado e o futuro. Acredito que talvez a causa disso tudo seja um sentimento de alguém, um sentimento tão intenso que conseguiu romper os laços que mantêm nossa realidade em equilíbrio.

— Nós faremos o nosso melhor para consertá-la. Por favor, nos guie! - disse Helena com determinação.

O guardião conduziu-os a uma câmara secreta, onde revelou um antigo artefato mágico, uma espécie de cetro feito de galhos entrelaçados e adornado com cristais reluzentes era muito parecido com um guarda chuva. Ele explicou que esse artefato era usado pelos antigos Magos da Luz para selar feridas no tecido do tempo e restaurar o brilho das estrelas.

O Guardião disse:

— Este cetro é a chave para curar a árvore. Vocês precisarão canalizar sua energia e vontade para que o poder do cetro funcione, logo após fecharem a ferida vocês sairão para soltar o cetro em direção ao céu e impulsionar o brilho das estrelas, mas lembre-se, Helena, é essencial manter o foco em seu objetivo, e, acima de tudo, nunca se esqueça daquilo que você mais ama.

A dupla entendeu todo o processo e aceitou o desafio com determinação. Ainda dentro da árvore, Helena segurando o cetro, concentrou-se em enviar uma onda de energia positiva e curativa em direção à fratura interna. Gradualmente, a fratura começou a se fechar, e a única coisa que ela tinha em mente eram as boas memórias com seu pai.

Antes que a ferida se fechasse por completo, a dupla foi levada de volta para fora da árvore, não houve tempo de despedida entre Helene e o Guardião, mas segundos antes de saírem, Helena pode ouvir as últimas palavras do pequeno Guardião.

— QUE ORGULHO!, VOCÊS RESTAURARAM NÃO APENAS A ÁRVORE, MAS TAMBÉM A ESPERANÇA E A CONEXÃO ENTRE AS GERAÇÕES. QUE ISSO SIRVA DE LIÇÃO PARA TODOS NÓS SOBRE A IMPORTÂNCIA DE PRESERVAR NOSSA HISTÓRIA E NOSSA LIGAÇÃO COM O PASSADO. – gritou o Guardião com rapidez.

Do lado de fora a pequenina viu que a fratura havia cicatrizado e se lembrou que era preciso enviar o cetro em direção ao céu. Venna ajudou Helena a posicionar o cetro que automaticamente foi em direção ao céu e se abrindo gradativamente igual a um guarda chuva

e quando estava distante houve uma explosão de luz, que trouxe de volta a beleza do céu estrelado.

Dentro da árvore, ao sentir o sucesso do esforço da garotinha, o guardião sorriu com gratidão.

Ao observar o brilho das estrelas retornando ao céu, Helena compreendeu que a ruptura na árvore não ocorreu apenas por acaso, mas uma consequência do distanciamento e da desconexão emocional que havia se instaurado entre ela, seu pai e a natureza.

Deitadas no chão a dupla observava o céu, Helena percebeu que havia algo em seu bolso, uma pequena estrela feita de um papel brilhante. A garotinha lembrou que seu pai costumava usar essa estrela por onde ia, pois a própria garotinha deu a ele. Ao rever esse objeto, as lembranças do amor e das histórias compartilhadas com seu pai inundaram seu coração, e ela entendeu que as estrelas eram a representação física dessas memórias preciosas.

— Agora eu sei Venna – disse a garotinha feliz e emocionada.

Juntas, Helena e Venna sabiam que tinham realizado algo extraordinário. Provaram que, com coragem e determinação, é possível vencer qualquer obstáculo, mesmo quando o desafio se apresenta tão inusitado quanto uma ruptura no tecido do tempo.

4.2 Concept art

Concept art é um método de preparação inicial usado para transmitir uma ideia ou visual específico, geralmente no desenvolvimento de filmes, jogos, animações, e outros projetos artísticos.

Concept Art detém um valor crucial na fase de pré-produção de um projeto, seja um videogame, filme ou animação. De uma forma simples e abrangente, considera-se que os concept artists são o “meio” de comunicação gráfica, que visa explorar a criatividade e concepção da ideia para produção, que em termos gerais confere a mesma narrativa nos videogames e cinema. (VOLOSHCHUK, 2017, p.6)

No contexto do projeto, o *concept art* desempenha um papel crucial ao dar forma visual às ideias presentes na narrativa do conto. Ele serve como uma ferramenta de pré-visualização, explorando aspectos como personagens, cenários e atmosfera, ajudando a traduzir conceitos abstratos em imagens concretas. Dessa forma, o *concept art* não apenas ilustra a história, mas também aprofunda a compreensão estética e simbólica da narrativa.

4.3 Processo criativo

4.3.1 História

Jornada do Céu Estrelado é um conto infantil autoral que surgiu a partir da minha vivência, imbuída com a essência da ancestralidade. Nela, teço as memórias e ensinamentos, criando uma narrativa que conecta passado, presente e futuro, mostrando como as raízes de nossas histórias podem iluminar o caminho para novas jornadas.

Nossa ancestralidade nos faz perceber, nos faz sentir, nos faz pensar. Ela é impressa como força representativa de um saber vivo que se reinventa, uma força de vida mais criativa que a morte, que a diáspora ou a escravização. A ancestralidade é o vento materno, é o sopro de vida que é tecido no ventre de nossa mãe pelo sangue ancestral, é a música que faz vibrar as células do nosso corpo e dita o ritmo do nosso coração, é a poesia que acalma e perturba, é a filosofia e seus favos de sabedoria, é a luta pela vida e a resistência à morte, é a natureza e manifestação da vida, é o movimento e o caminhar, em cada uma de nós, em cada pessoa que respira há a marca da ancestralidade¹¹. (RIBEIRO, 2020)

O conto segue a emocionante aventura de Helena Solares, uma criança curiosa que vive em um mundo onde a tecnologia e a natureza coexistem em harmonia. Ela é acompanhada por sua amiga robô, Venna, que ajudará a desvendar o mistério de uma noite sem estrelas.

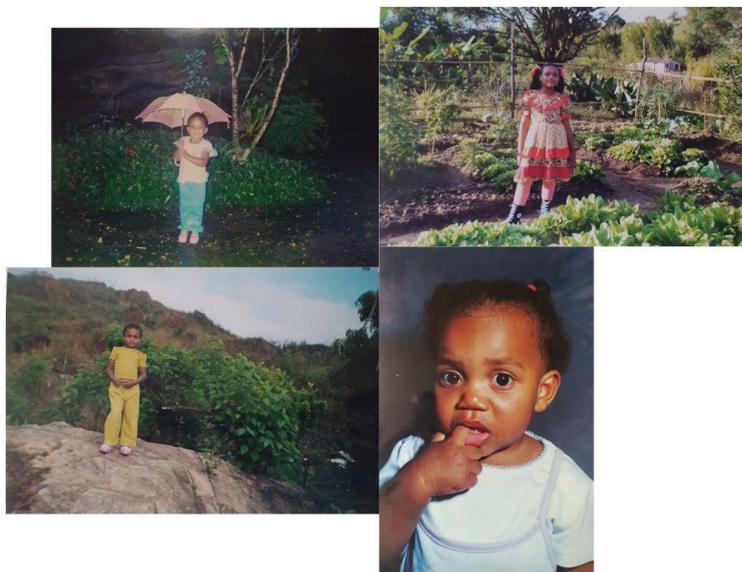
No universo onde a ancestralidade é responsável por alimentar as estrelas, o súbito apagão das estrelas deixa os magos perplexos e sem respostas. Determinada a encontrar uma solução, Helena, que cresceu ouvindo histórias sobre as estrelas de seu pai, embarca em uma jornada ao lado de Venna para restaurar o brilho do céu e resolver o enigma que ameaça seu mundo (conto em anexo).

A história centra-se na temática da ancestralidade, abordando aspectos como as árvores, que atuam como guardiãs da terra, conectando o passado e o futuro. As estrelas, por sua vez, alimentam essas árvores com energia cósmica e representam os ancestrais, registrando suas presenças e iluminando o caminho para as futuras gerações. No conto, a ancestralidade é retratada como uma fonte de sabedoria e poder, que guia a comunidade e estabelece uma profunda conexão entre os indivíduos, suas raízes e tradições. Os espíritos ancestrais desempenham um papel fundamental, oferecendo orientação e proteção.

¹¹ RIBEIRO, Katiúscia. **O futuro é ancestral**. Le Monde Diplomatique Brasil, 19 nov. 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-futuro-e-ancestral/>. Acesso em: 24 ago. 2024.

Adicionalmente, algumas características dos cenários e personagens foram inspiradas em fotografias pessoais, como a vila localizada aos pés de uma montanha, as características físicas da personagem principal, e o objeto que renova o brilho das estrelas, o guarda-chuva.

Painel 1: Referências visuais - Fotografias - Fonte: Autora



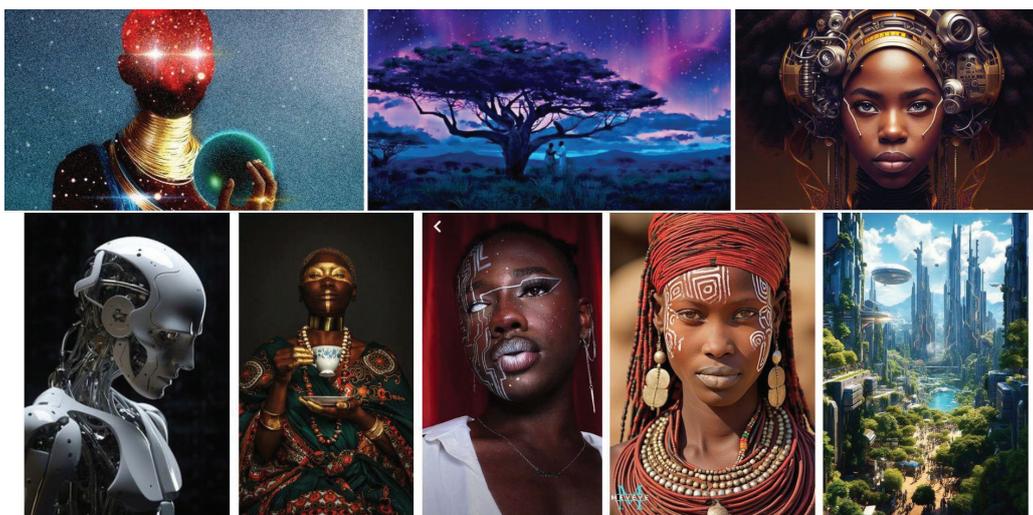
4.3.2 Referências

Como parte essencial do processo criativo, as referências desempenham um papel crucial na orientação e desenvolvimento do projeto, tornando necessária a criação de alguns moodboards. O moodboard é uma ferramenta visual que representa conceitos e ideias por meio de uma combinação de imagens, textos e outros elementos de design, visando comunicar o estilo e a direção do projeto¹². Nesse contexto, a compilação de imagens foi fundamental para delinear a estética e a abordagem desejadas, como cores, composição, layout entre outros.

O primeiro painel reúne elementos afrofuturistas e tradicionais africanos, criando uma fusão visual impactante a ser incorporada de maneira significativa na obra. Essas imagens fornecem uma rica variedade de referências visuais, que enriquecem o projeto de ilustração ao integrar a estética afrofuturista. A junção de tecnologia, espiritualidade e natureza estabelece a base para a criação de um universo visualmente coeso e tematicamente.

¹² MIRO. **O que é moodboard?** Miro. Disponível em: <https://miro.com/pt/moodboard/o-que-e-moodboard/>. Acesso em: 28 ago. 2024

Painel 2: Referências visuais - Fonte: Autora



Para a concepção da capa do livro, foi preciso uma busca de livros afrofuturistas que pudessem servir como base para o projeto. De modo geral, as capas apresentam o protagonista com a silhueta central, formas geométricas e linhas que sugerem tecnologia ou energia. Alguns com o cenário ao fundo parece uma fusão entre urbano e o mundo digital, luzes e prédios. Utilizando cores vibrantes e contrastantes, elementos futuristas.

Painel 3: Referências visuais - capas de livros - Fonte: Autora



Como o conto é voltado para o público infantil, foi essencial buscar referências em livros infantis que pudessem servir de inspiração e direcionamento para a produção.

Figura 10 - Edith e a velha sentada - Lázaro Ramos - Fonte: Amazon



Figura 11 - Amoras - Emicida - Fonte: Amazon

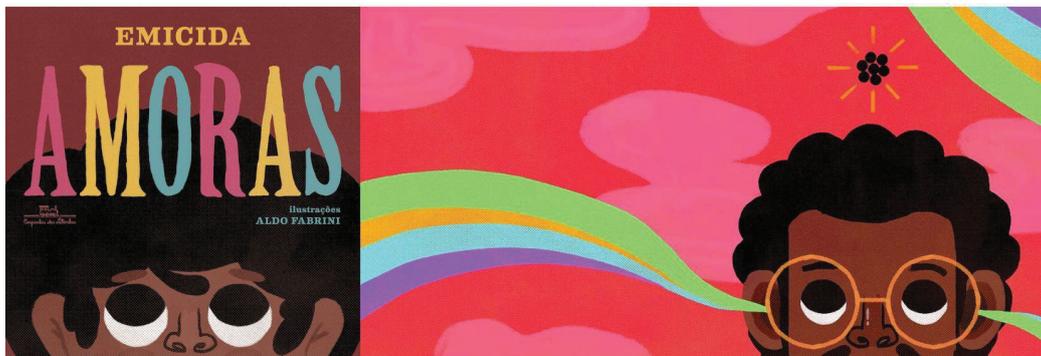


Figura 12 - Elza a voz do milênio - Mina rizzi, Edson Ikê - Fonte: Amazon

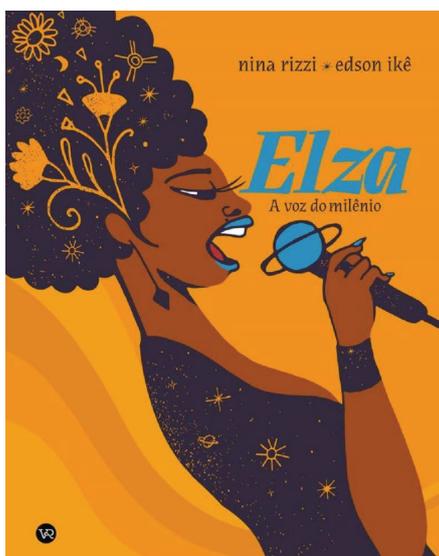


Figura 13 - O pequeno príncipe preto - Rodrigo França - Fonte: Amazon



É perceptível que as cores utilizadas nos livros infantis são vibrantes e atraentes. Eles foram usados com o objetivo de atrair a atenção das crianças. Observa-se o uso de tons quentes, como laranja, amarelo e vermelho. A combinação desses tons com cores mais frias, como azul e verde, cria um equilíbrio visual agradável.

Por exemplo, em livros como “Amoras”, as cores são usadas para contrastar claramente o fundo com os elementos principais, como o rosto da criança e as amoras. Esse contraste ajuda a direcionar o foco do leitor para os elementos centrais da história.

Os desenhos são estilizados e simples, características comuns na ilustração infantil. Os traços são suaves e curvilíneos, dando um ar amigável e acolhedor aos personagens. Embora as formas sejam simples, elas mantêm uma expressividade significativa, o que permite que os leitores entendam facilmente as emoções dos personagens. Os personagens, são desenhados com traços que enfatizam suas características culturais e identitárias, promovendo a representatividade e a diversidade.

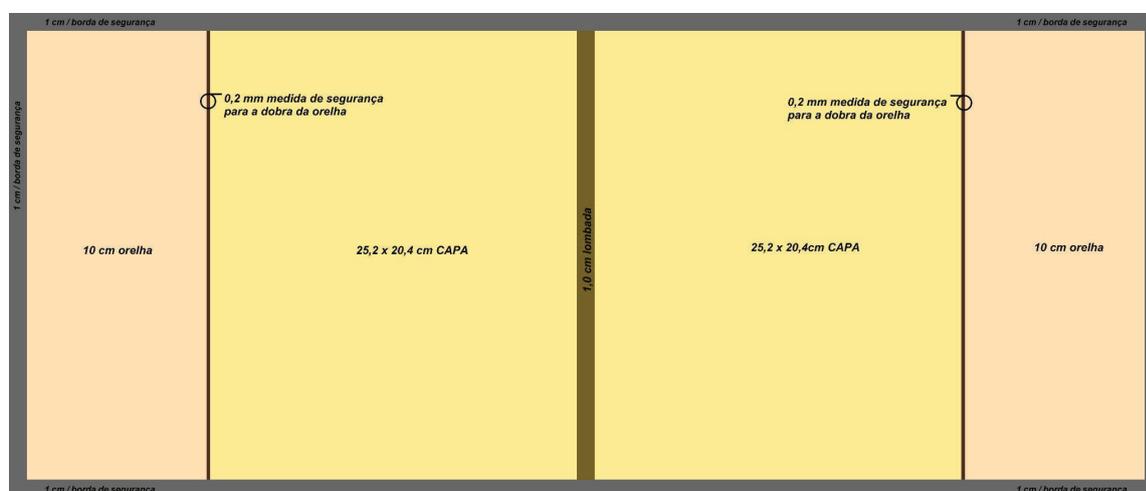
A composição das páginas é projetada para guiar o olhar do leitor de maneira fluida, incentivando a leitura e a interação com as imagens. O layout é dinâmico e possui componentes que interagem com o texto, estabelecendo uma integração entre a imagem visual e a palavra escrita.

Por fim, esses livros infantis usam cores vibrantes, desenhos expressivos e composições dinâmicas para criar obras que são, ao mesmo tempo, atraentes e significativas. Eles não só contam histórias envolventes, mas também promovem a diversidade e a inclusão, utilizando a arte como uma ferramenta poderosa para a educação e o entretenimento das crianças.

4.4 Livro

Para a estrutura do livro, foi planejado um total de 32 páginas, equivalente a 64 páginas no formato frente e verso. As duas primeiras folhas incluem o título da obra, ficha técnica e uma ilustração inicial, compondo a folha de rosto. As 30 páginas seguintes são dedicadas à narrativa, com a distribuição do texto e das ilustrações, alternando entre páginas duplas e individuais. A última página traz informações sobre o material utilizado. Além disso, o projeto inclui a capa e contracapa, bem como as guardas. O formato escolhido é quadrado, com dimensões de 25,2 x 20,4 cm. A proposta de ilustração combina elementos lúdicos com um toque futurista e realista, voltada para um público-alvo a partir dos 8 anos.

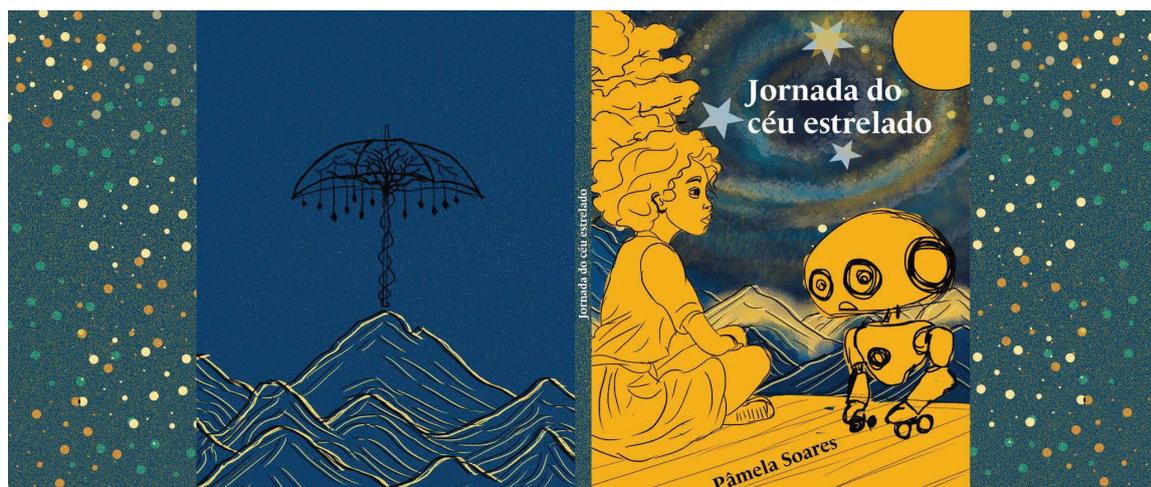
Figura 14 - Projeto capa



Para a ilustração da capa, utilizei elementos centrais da história, destacando as personagens principais, Helena e Venna, como o foco visual. A árvore, as estrelas e as montanhas também foram usadas para reforçar a história. Na contracapa, mantive as montanhas e adicionei o guarda-chuva, um elemento emblemático na trama. A orelha do livro apresenta uma composição inspirada em uma constelação, com vários pontos que remetem ao cosmos. Já para a guarda, a ideia era criar uma noite estrelada para capturar a essência da história, sendo “A Noite Estrelada”, de Vincent Van Gogh, uma das principais inspirações.

As cores da capa variam entre tons de azul e amarelo, com alternância de cores claras e escuras. O azul foi escolhido por sua associação com o céu, simbolizando profundidade e espiritualidade, ideal para representar o aspecto cósmico da narrativa. Os diferentes tons de amarelo, que vão do suave ao mais quente, transmitem energia, esperança e positividade, além de estarem ligados à luz, reforçando a conexão ancestral presente na trama. Essa combinação de cores foi selecionada para criar um contraste equilibrado, resultando em um visual harmonioso e dinâmico.

Figura 15 - Capa ilustração



Guarda:

Figura 16 - Guarda ilustração





Figura 17 - Mockup capa



4.5 Personagens

Após estudar as referências, optei por uma paleta de cores em tons terrosos, verdes, amarelos e azuis para a criação dos personagens e do cenário. Essas cores estão diretamente relacionadas com a narrativa e mostram as características individuais dos personagens. O estilo de ilustração é simples, porém expressivo, facilitando a compreensão das emoções e da personalidade de cada um, mantendo uma abordagem visual clara e acessível.

Figura 18 - Helena Solares



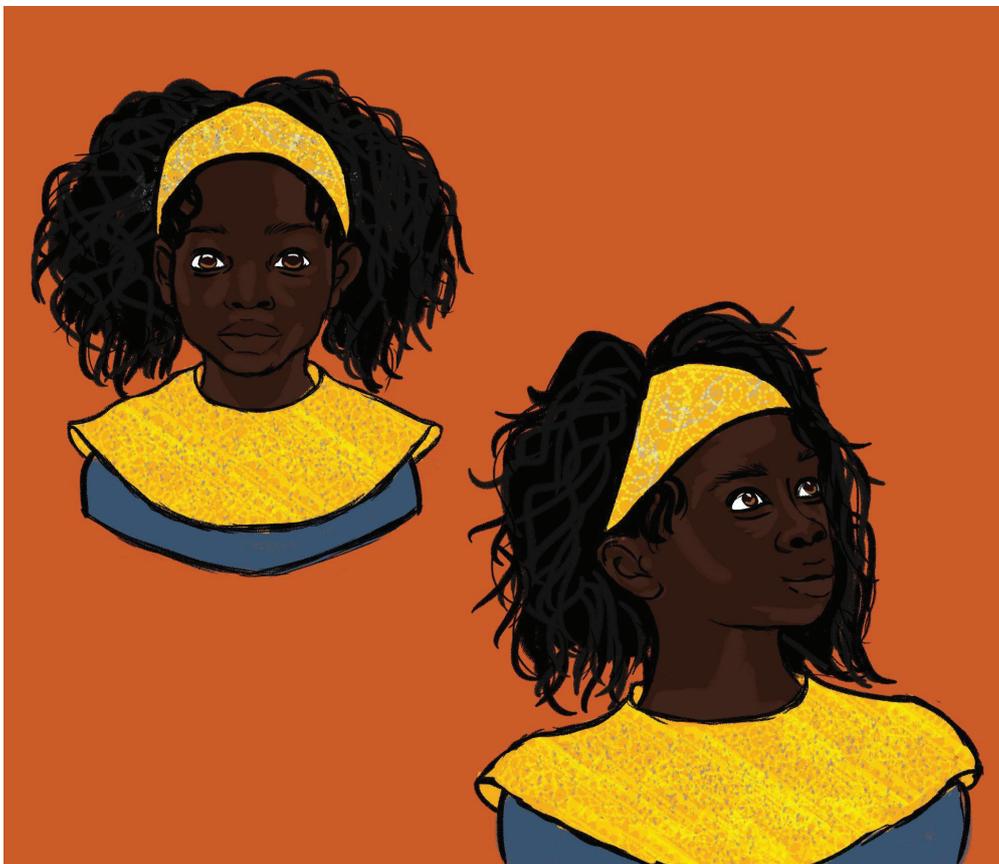
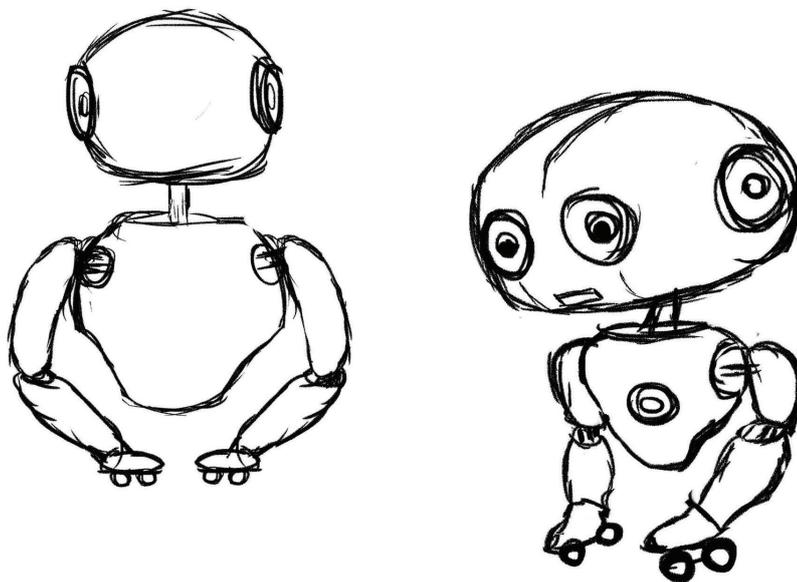
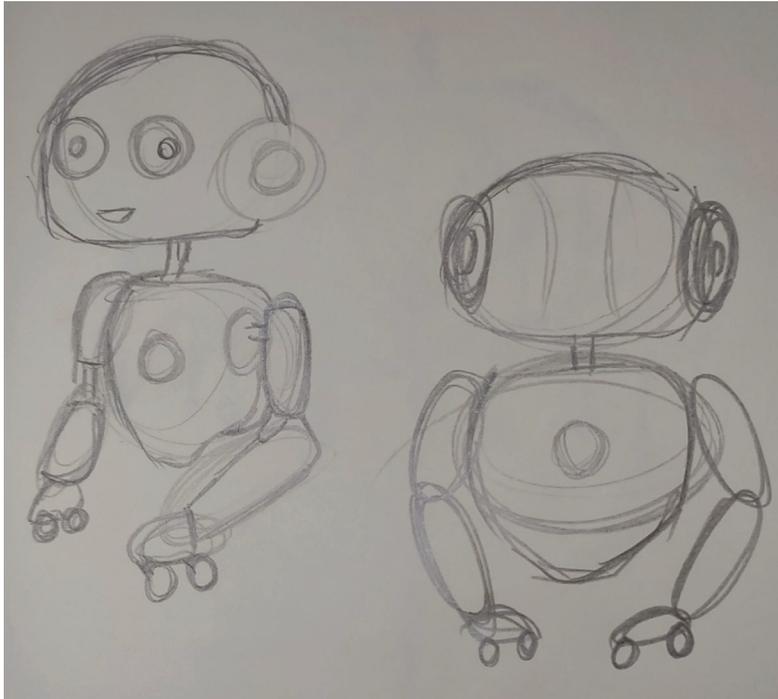


Figura 19 - Venna



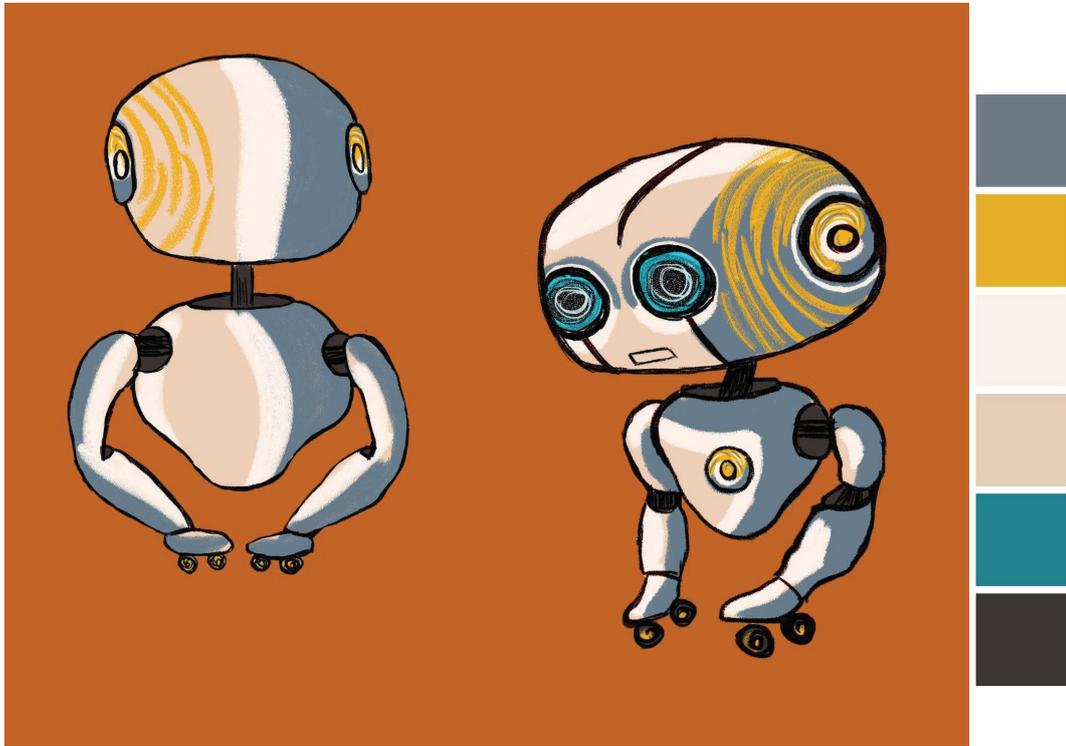


Figura 20 - Guardião da árvore





Figura 21 - Personagem: Pai



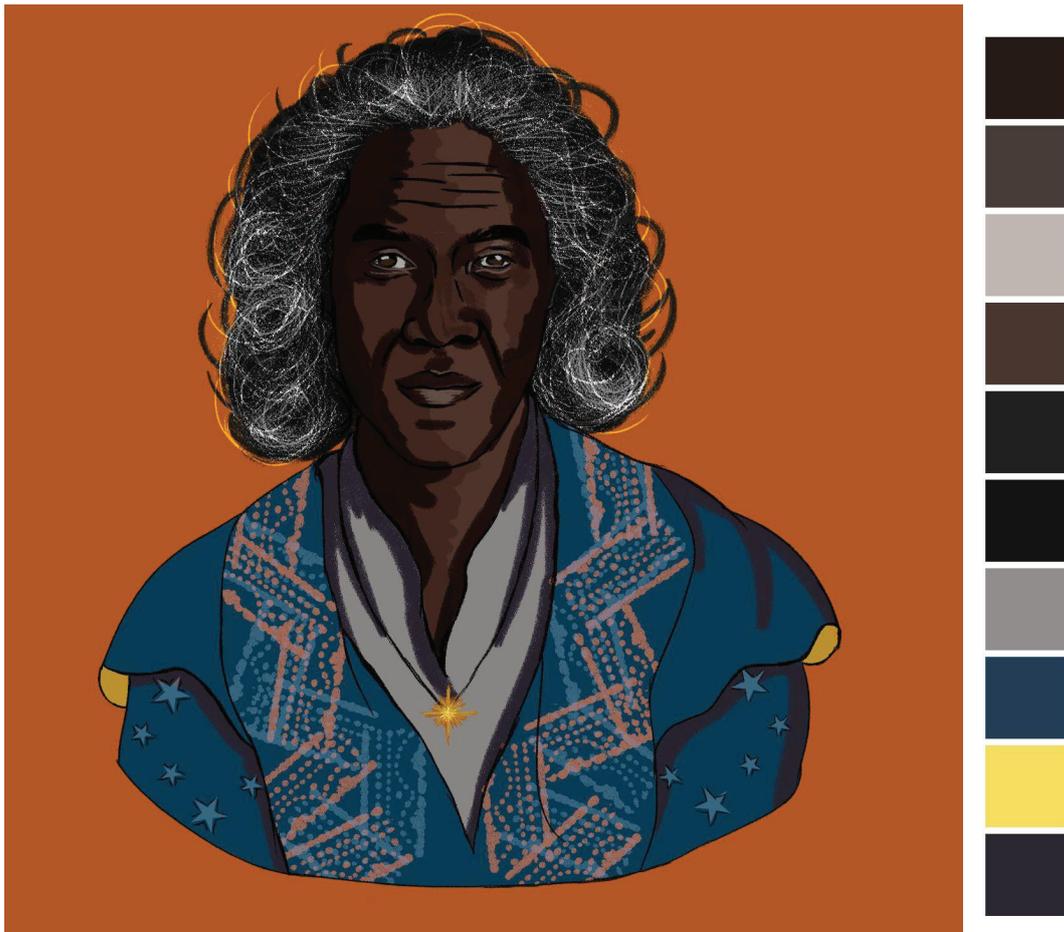


Figura 22 - Magos da água





Figura 23 - Magos da natureza



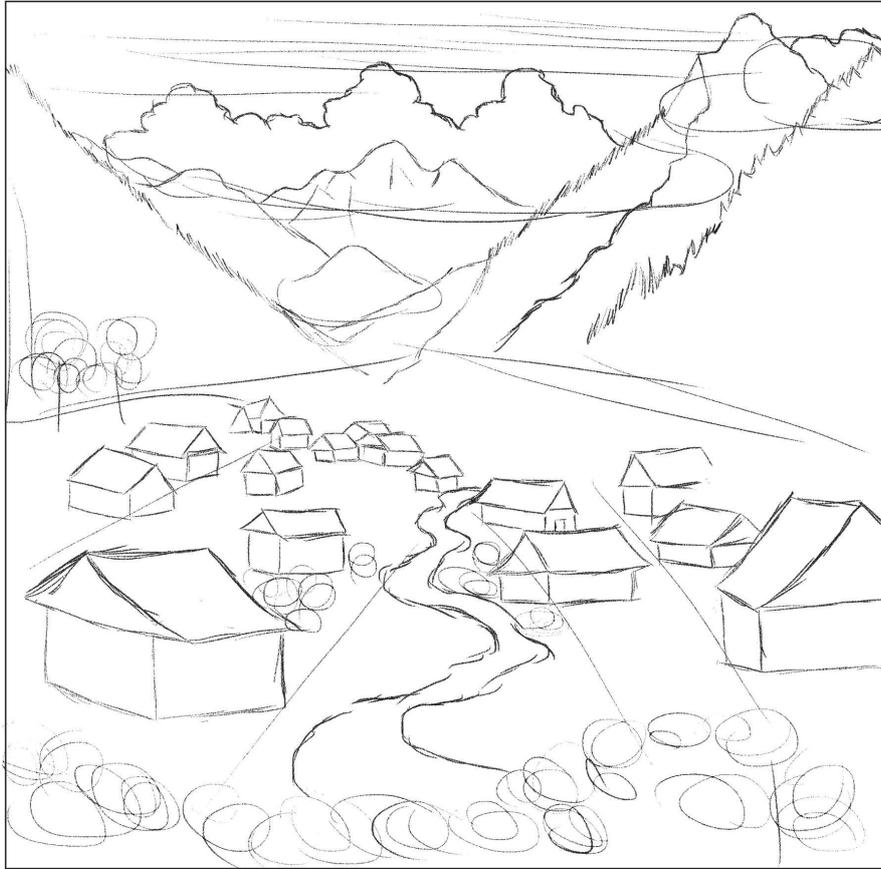


Figura 24 - Magos do tempo





Figura 25 - Villa





5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, visei demonstrar como o afrofuturismo, tanto em seu aspecto artístico quanto educacional, pode funcionar como uma ferramenta poderosa para a promoção de uma educação antirracista e inclusiva. A análise do movimento revelou sua capacidade de criar novas narrativas e possibilidades para a população negra.

No campo do audiovisual, das artes plásticas e da literatura, o afrofuturismo se revela como uma rica fonte de inspiração visual e conceitual, conforme evidenciado nos trabalhos analisados. Essas produções utilizam a arte para ressignificar a identidade negra, abordando temas como pertencimento, resistência e ancestralidade, questões centrais em suas obras e que também permeiam o conto ilustrado desenvolvido neste projeto.

Como discutido no segundo capítulo, o afrofuturismo se mostrou um recurso inovador na educação para fortalecer práticas pedagógicas antirracistas. O "Projeto Boyebi" é um bom exemplo de como a literatura e as artes afrofuturistas podem ser incorporadas ao ambiente escolar para promover a representatividade e o empoderamento dos alunos negros.

No terceiro capítulo, o desenvolvimento do conto e da concept art, reforça a importância da ancestralidade e da imaginação como elementos centrais do afrofuturismo. Neste caso, através da narrativa visual e textual, consegui construir um universo que conecta o passado e o futuro, oferecendo novas possibilidades de reflexão sobre a história e o papel dos indivíduos na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Acredito que o afrofuturismo é um importante aliado na construção de uma sociedade mais justa e representativa. Ao incorporar essas práticas na formação educacional, acredito que é possível não apenas ensinar, mas também inspirar e transformar o imaginário social, resgatando e valorizando as histórias e identidades da população negra.

6. REFERÊNCIAS

7.1 Bibliografia

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

BRITO, Benilda, NASCIMENTO, Valdecir. **Negras (in)confidências – Bullying, não. Isto é racismo**. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2012.

BUTLER, Octavia E. (2017 [1979]). **Kindred: Laços de sangue**. Trad. Carolina Caires Coelho. São Paulo, Editora Morro Branco.

KABRAL, Fábio. **O Caçador Cibernético da Rua Treze**. Rio de Janeiro. MALÊ; 1ª edição. 2017.

Lu Ain-Zaila. **Sankofia: Breves Histórias Afrofuturistas**. Lu Ain-Zaila; 1ª edição. 2019.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda: Educação e Descolonização**. Rio de Janeiro, Mórula, 2021.

7.2 Sites e Textos

AMORIN, Tomaz. Mark Dery: de volta para o futuro (tradução). Revista Ponto Virgulina, Edição Temática, v. 1, p. 1-65, 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/43805205/Tradu%C3%A7%C3%A3o_de_Black_to_the_future_e_Mark_Dery. Acesso em: 04 jun.2024.

CRUZ, Hiara Rebeca Cardoso . **BOYEBI: o impacto da literatura afrofuturista**. Comunidade LED - Luz na Educação. Disponível em: <https://comunidade.led.globo/projetos/boyebi-o-impacto-da-literatura-afrofuturista/>. Acesso em: 10 ago. 2024.

DERY, Mark. “Black to the future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia Rose”. Flame wars. The discourse of cyberculture. Durham and London: Duke University Press, 1994.

FELINTO, Renata, **A pálida História das Artes Visuais no Brasil: onde estamos negras e negros?**.2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/gearte/article/view/94288>. Acesso em: 01 julho de 2024.

FREITAS, Kênia; MESSIAS, José. O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo - as distopias do presente. **Das Questões**, [S. l.], v. 6, n. 1, 2018. DOI: 10.26512/dasquestoes.v6i6.18706. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/18706>. Acesso em: 4 jun. 2024.

FREITAS, Kênia. **SPACE IS THE PLACE: Sun Ra, o mito no cinema**. Multiplot, 2018. Disponível em: <https://multiplotcinema.com.br/2018/04/space-is-the-place-o-mito-no-cinema/>. Acesso

em: 04 jun. 2024

GAZETA DO POVO. **Branco Sai, Preto Fica estreia em Curitiba**.2015.Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/branco-sai-preto-fica-estrela-em-curitiba-391f71see1drl2p1p5lbbayat/>. Acesso em: 04 jun. 2024.

GALERIA MILLAN. **No Martins**. Disponível em: <https://millan.art/artistas/no-martins/>. Acesso em: 28 ago. 2024.

KABRAL,Fábio. **AFROFUTURISMO: Ensaio sobre narrativas, definições, mitologia e heroísmo**.2020.Disponível em: <https://fabiokabral.wordpress.com/2018/07/12/afrofuturismo-ensaios-sobre-narrativas-definicoes-mitologia-e-heroismo/>. Acesso em: 19 Junho de 2021.

LIMA,Raquel. **Afrofuturismo: A construção de uma estética [artística e política] pós-abissal**. 2019.Disponível em: https://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n16/documentos/Cap%2010_Lima.pdf >. Acesso em: 14 julho de 2021.

PINACOTECA DE SÃO PAULO. **Ayrson Heráclito: Yorubáiano**. Disponível em: <https://pinacoteca.org.br/programacao/exposicoes/ayrson-heraclito-yorubaiano/>. Acesso em: 28 ago. 2024.

QUEIROZ, Rafael Pinto Ferreira de. Cruzando a órbita prum novo mar: Xênia França e o afrofuturismo no videoclipe de Nave. **ALCEU**, [S. l.], v. 21, n. 43, p. 106–126, 2021. DOI: 10.46391/ALCEU.v21.ed43.2021.211. Disponível em: <https://revistaalceu.com.puc-rio.br/alceu/article/view/211>. Acesso em: 14 ago. 2024.

ROCHA,Helena do Socorro Campos da, VAZ, Cristina Lúcia Dias.**A Afrofuturismo na educação: O caso da metodologia ativa cartodiversidade**. Revista e-Curriculum, v. 19 n. 3, p. 1036-1059, set. 2021.Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/49430>. Acesso em: 01 jul. 2024.

SOUZA, Waldson Gomes de. **A Afrofuturismo: o futuro ancestral na literatura brasileira contemporânea**. 2019. 102 f., il. Dissertação (Mestrado em Literatura)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/35472>. Acesso em: 04 jun. 2024.

UNICEF, Ação Educativa, MEC/Inep, Seppir. **Indicadores da Qualidade na Educação: Relações Raciais na Escola**,São Paulo, pág:75, nov. 2013. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/indicadores-da-qualidade-na-educacao-relacoes-rais-na-escola>. Acesso em: 14 ago. 2024.

SILVA,Kellen Carolina Vieira, QUADRADO, Jaqueline Carvalho. **O afrofuturismo como forma de representação cultural**.Eemicult, São Luiz Gonzaga, v. 2, p. 1-11, agosto. 2016. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/443495760/O-AFROFUTURISMO-COMO-FORMA-DE-R>

EPRESENTACAO-CULTURAL-2-pdf> . Acesso em: 14 julho de 2021.

VOLOSHCHUK, Nazariy. **As novas tendências de concept art: a concepção tridimensional**. 2017. 120 f. Dissertação (Mestrado em Desenho) - Universidade de Lisboa faculdade de Belas-Artes, Lisboa, 2017. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/33714/2/ULFBA_TES1121_As-Novas-Tendencias-d-e-Concept-Art.pdf. Acesso em: 24 ago. 2024

7.3 Audiovisual

Black Is King. Direção: Beyoncé Knowles-Carter, Blitz Bazawule. Estados Unidos, 2020.

Branco sai, preto Fica. Direção: Adirley Queirós. Brasil, 2015.

Pantera Negra. Direção: Ryan Coogler. Estados Unidos, 2018.

Space is the place. Direção: John Coney. Estados Unidos, 1974.

FRANÇA, Xenia. Nave. Direção: DIABA. Prod. Marina D`aquino e Caeli Gobbato. 2019. 1 videoclipe (4 min). Disponível em: [<https://www.youtube.com/watch?v=FoWCoELm57c>]. Acesso em: 4 de julho de 2024

PINACOTECA DE SÃO PAULO. Ayrson Heráclito. Disponível em: <https://pinacoteca.org.br/conteudos-digitais/video/ayrson-heraclito/>. Acesso em: 27 ago. 2024.